



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE DIREITO  
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM DIREITO**

**RENAN ANJOS CHAGAS**

**O OLHAR DO SUJEITO ENCARCERADO SOBRE A  
EDUCAÇÃO NO SISTEMA PRISIONAL –  
ANÁLISE DO PROJETO LEITURA E ESCRITA – AÇÕES LIBERTÁRIAS E  
REFLEXÕES SOBRE A REMIÇÃO DA PENA AOS INTERNOS DO MÓDULO IV  
DA PENITENCIÁRIA LEMOS BRITO.**

Salvador  
2018

**RENAN ANJOS CHAGAS**

**O OLHAR DO SUJEITO ENCARCERADO SOBRE A  
EDUCAÇÃO NO SISTEMA PRISIONAL –  
ANÁLISE DO PROJETO LEITURA E ESCRITA – AÇÕES LIBERTÁRIAS E  
REFLEXÕES SOBRE A REMIÇÃO DA PENA AOS INTERNOS DO MÓDULO IV DA  
PENITENCIÁRIA LEMOS BRITO.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Direito, Faculdade de Direito, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Direito.

Orientadora: Professora Mestre Tatiana Emília Dias Gomes.

Salvador  
2018

**RENAN ANJOS CHAGAS**

**O OLHAR DO SUJEITO ENCARCERADO SOBRE A  
EDUCAÇÃO NO SISTEMA PRISIONAL –  
ANÁLISE DO PROJETO LEITURA E ESCRITA – AÇÕES LIBERTÁRIAS E  
REFLEXÕES SOBRE A REMIÇÃO DA PENA AOS INTERNOS DO MÓDULO IV DA  
PENITENCIÁRIA LEMOS BRITO.**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Direito,  
Faculdade de Direito, Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 08/03/2018

Tatiana Emilia Dias Gomes – Orientadora

Mestre em Sociologia e Direito pela Universidade Federal Fluminense - UFF  
Universidade Federal da Bahia

Thais Bandeira Oliveira Passos – Examinadora

Doutora em Direito Público pela Universidade Federal da Bahia

Luiz Claudio Lourenço - Examinador

Doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro

CHAGAS, Renan Anjos. **O Olhar do Sujeito Encarcerado sobre a Educação no Sistema Prisional – Análise do Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias e Reflexões sobre a Remição da Pena aos Internos do Módulo IV da Penitenciária Lemos Brito**. 2018. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação – Faculdade de Direito, Universidade Federal da Bahia.

## RESUMO

O presente trabalho monográfico dedica-se à investigação do Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias implementado no módulo IV da Penitenciária Lemos Brito e a aplicação da remição da pena pela leitura aos seus participantes. O desenvolvimento da pesquisa se pautou na metodologia indutivo-analítica, em uma construção empírica, e nos delineamentos da intitulada pesquisa qualitativa. Foram utilizadas três técnicas de pesquisa de campo, quais sejam a observação direta, a entrevista semidiretiva e a abordagem biográfica. Sob a ótica dos próprios sujeitos encarcerados, busca-se compreender a educação dentro do Sistema Prisional soteropolitano, especialmente no tocante à Recomendação nº 44 do Conselho Nacional de Justiça.

Palavras-chaves: Educação libertadora, execução penal, remição da pena, leitura.

## **ABSTRACT**

This paper is focused on the research of the “Reading and Writing Project – Libertarian Actions”, implemented on the IV Module of the Lemos Brito Penitentiary and the application of the remission of penalties according to reading habits of the interns. The development of this research was based on a deductive and analytical methodology, on an empirical analysis and on the bases of the aforementioned research. Three techniques were used for the field research: direct observation, indirect interview and the biographic approach. Under the prisoners’ points of view, the goal is to understand the education inside the penitentiary system of Salvador, with special emphasis on the 44th Recommendation of the National Justice Council.

Keywords: Liberating education, penal execution, remission of sentence, reading.

## **LISTA DE SIGLAS**

CBN - Central Brasileira de Notícias

CNJ – Conselho Nacional de Justiça

COP – Centro de Observação Penal

CPF – Conjunto Penal Feminino

DEDC - Departamento de Educação

DEPEN - Departamento Penitenciário Nacional

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

LEP – Lei de Execução Penal

MEC - Ministério da Educação

NUPE - Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão

PLB – Penitenciária Lemos Brito

PPP – Projeto Político Pedagógico

RDD – Regime Disciplinar Diferenciado

SBT - Sistema Brasileiro de Televisão

SEAP - Secretaria de Administração Penitenciária e Ressocialização

SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

SINSPEB - Sindicato dos Servidores Penitenciários do Estado da Bahia

SISU - Sistema de Seleção Unificada

UED – Unidade Especial Disciplinar

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	11
<b>2.1 A Investigação Empírica Qualitativa</b> .....	11
2.1.1 A Pesquisa Qualitativa .....	11
2.1.2 A Empiria na Pesquisa Jurídica .....	13
2.1.3 Amostragem Utilizada .....	14
<b>2.2 A Indução Analítica</b> .....	18
<b>2.3 Técnicas da Pesquisa</b> .....	19
2.3.1 Observação Direta.....	19
2.3.2 Entrevista Semidiretiva .....	20
2.3.3 Abordagem Biográfica .....	21
<b>3 O RETORNO À PENITENCIÁRIA LEMOS BRITO SOB A ÓTICA DE PESQUISADOR</b> .....	23
<b>3.1 Primeiro Contato como Pesquisador e a Reformulação da Questão de Pesquisa</b> .....	23
<b>3.2 As Dificuldades Enfrentadas Após o Primeiro Contato</b> .....	27
<b>3.3 Participações no Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias do Módulo IV da Penitenciária Lemos Brito</b> .....	29
3.3.1 Primeiro Encontro com a Roda de Leitura: Impressões Iniciais.....	29
3.3.2 Segundo Encontro com a Roda de Leitura: O Final Alternativo .....	33
3.3.3 Noite de Festa – VI Sarau Literário do Colégio George Fragoso Modesto .....	36
3.3.4 Terceiro e Último Encontro do Ano de 2017 com a Roda de Leitura: Congratulações .....	38
<b>4 OLHARES INTRAMUROS: A EDUCAÇÃO NA VISÃO DO SUJEITO ENCARCERADO</b> .....	42
<b>4.1 Orlando Gomes Luz, 45 Anos, Negro, Ensino Médio Incompleto</b> .....	42

<b>4.2 Armando Silva Dias, 36 Anos, Branco, Ensino Superior Completo.....</b>	<b>49</b>
<b>4.3 M.R.O.T., 32 Anos, Negro, Ensino Médio Completo .....</b>	<b>52</b>
<b>4.4: Ângelo Brandão Sena, 49 Anos, Negro, Ensino Médio Completo .....</b>	<b>55</b>
<b>4.5 Mário Barreto dos Santos, 56 anos, Negro, Alfabetizando .....</b>	<b>57</b>
<b>5 ANÁLISE DOS ACHADOS DA PESQUISA .....</b>	<b>60</b>
<b>5.1 A Educação como Direito Fundamental e Dever de Todos: Amparo Legal do Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias .....</b>	<b>60</b>
<b>5.2 Então, Eu Vi, Observei o Povo Conversando, Falando sobre o Livro, o que Leu, o que Entendeu, o que Espremeu um Pouco da Mente, do Cérebro, Colocou o Neurônio pra Conversar um com o Outro, né? Coisa que a Gente Não Fazia Muito Aqui .....</b>	<b>63</b>
<b>5.3 Cadeia Pra Quem? .....</b>	<b>66</b>
<b>5.4 A Remição Como Estímulo à Educação.....</b>	<b>71</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>75</b>
<b>APÊNDICE A- Guia de entrevista .....</b>	<b>79</b>
<b>APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>83</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Durante o estágio de dois anos na Defensoria Pública do Estado da Bahia, tive a oportunidade de passar um ano e dois meses no núcleo de execução penal do Complexo Penitenciário Lemos Brito, localizado no bairro da Mata Escura. O dia a dia me permitiu ter contato com conhecimentos que extrapolaram os saberes jurídicos e as normas vigentes; compreender um pouco mais sobre o sistema prisional é ao mesmo tempo fascinante e inquietante.

De lá pra cá, após cursar a matéria de Direito Educacional na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, surgiu a ideia de investigar mais a fundo a correlação entre uma antiga paixão e o novo interesse acadêmico: o Direito Penal e a educação ministrada aos sujeitos em situação de cárcere.

O final de 2015 foi marcado como o período em que me despedi do núcleo de execução penal. Até aquela data tinha ciência que, desde novembro de 2013, a Recomendação nº 44 do Conselho Nacional de Justiça<sup>1</sup> nunca fora implementada numa unidade prisional soteropolitana. Após entrar em contato com a Defensora Pública com a qual estagiei, ela confirmou que a remição de pena por meio da leitura continuava sem aplicação no Complexo da Mata Escura, embora já fosse uma realidade em diversos presídios brasileiros.

Assim, buscando entender os motivos da inaplicabilidade da Recomendação nº 44 e sabendo que a professora Tatiana Emilia costumava realizar orientações em pesquisas empíricas, relatei minhas pretensões ainda no semestre anterior, quando montava o projeto de pesquisa, e a convidei para me orientar. Ao aceitar o convite, a primeira leitura sugerida pela docente correspondia a um capítulo de um texto que discorria sobre a pergunta de partida nas pesquisas acadêmicas<sup>2</sup>.

A partir de então, materializou-se o primeiro meio adequado para pôr em prática uma das dimensões essenciais de um processo científico. A pergunta de partida proposta inicialmente precisou ser reformulada após a primeira visita ao Colégio George Fragoso Modesto (situado no Complexo) na qualidade de pesquisador. A diretora da Escola informou que a Universidade do Estado da Bahia estava executando um projeto de extensão que visava a aplicação da remição de pena através da leitura. Por isso, a pergunta de partida que delimitou esta pesquisa

---

<sup>1</sup> A Recomendação dispõe sobre atividades educacionais complementares para fins de remição da pena pelo estudo e estabelece critérios para a admissão pela leitura aos custodiados.

<sup>2</sup> QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais**. Tradução João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho. 5. ed. Lisboa: Gradiva, 2008.

foi: como os internos do módulo IV da Penitenciária Lemos Brito avaliam o Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias e a possibilidade de aplicação da remição da pena pela leitura?

O objetivo geral da pesquisa foi perscrutar a visão dos internos do módulo IV a respeito do Projeto de Leitura e Escrita – Ações Libertárias da Universidade do Estado da Bahia e a possibilidade de aplicação da remição da pena consoante a Recomendação nº 44 do Conselho Nacional de Justiça.

Os objetivos específicos foram: a) observar e analisar o funcionamento das rodas de leitura; b) observar as interações entre os internos durante as ações do projeto; c) analisar a mediação realizada pelos(as) professores(as) durante as ações do projeto.

O primeiro capítulo destinou-se à apresentação da metodologia adotada. A pesquisa qualitativa foi escolhida em virtude da necessidade de aprofundamento de determinados dados. A empiria, recentemente utilizada em pesquisas jurídicas foi selecionada pois possibilita o alcance de dois objetivos: o levantamento de informações em campo e, sobretudo, permitir dar voz aos sujeitos encarcerados. Aplicada também a indução analítica, um procedimento lógico que parte do concreto para chegar ao abstrato a partir da formulação de inúmeros postulados que podem variar no decorrer da investigação. Ademais, as técnicas de pesquisa implementadas consistiram na observação direta das rodas de leitura ao longo de três semanas; na realização de cinco entrevistas semidiretivas e na abordagem biográfica dos sujeitos da pesquisa.

O segundo e o terceiro capítulos reservaram-se aos relatos dos achados da pesquisa, nos quais constaram de forma pormenorizada a participação como observador nos encontros do Projeto da UNEB, bem como descreveram as minúcias das entrevistas semidiretivas.

O quarto capítulo se propõe à análise dos obtidos, versando acerca do amparo legal do Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias; da dinâmica constatada nos encontros com as rodas de leitura a partir das teorias do educador Paulo Freire; da exploração das opressões de gênero, raça e classe com alicerce nos estudos da interseccionalidade; das diversas modalidades da remição de pena previstas no atual ordenamento jurídico com aportes da criminologia da reação social.

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 A Investigação Empírica Qualitativa

#### 2.1.1 A Pesquisa Qualitativa

Etimologicamente, a expressão ciência advém do verbo em latim *scire*, que significa aprender ou conhecer<sup>3</sup>. Não se pretende afirmar com isso que a ciência é a única fonte de conhecimento existente no cotidiano da sociedade.

Todavia, quando se pensa em ciência, inevitavelmente, a adoção de um método científico vem à tona. Entende-se por metodologia o emprego de procedimentos que devem ser observados para a construção do conhecimento<sup>4</sup>. Em outras palavras, a metodologia nada mais é do que o caminho a ser seguido a fim de se produzir ciência.

Assim, buscando compreender a pergunta de partida, o presente trabalho de conclusão de curso se valeu dos elementos da pesquisa qualitativa. Embora se reconheça a extrema importância da pesquisa quantitativa no cenário acadêmico, sobretudo para as ciências exatas e naturais que utilizam majoritariamente volumosos dados numéricos<sup>5</sup>, a pesquisa qualitativa foi escolhida em razão da necessidade de aprofundamento de determinadas questões.

Objetivando traçar um perfil generalizante, a pesquisa quantitativa tem uma maior preocupação com a obtenção de vastos dados para fins estatísticos. Por sua vez, a pesquisa qualitativa anseia explorar processos ou fenômenos complexos, usando uma quantidade de dados menores quando comparados com a primeira<sup>6</sup>.

Ainda segundo Deslauriers e Kérisits, a pesquisa qualitativa divide-se em correntes com perspectivas próprias, mas que por vezes se entrelaçam. A título de exemplo, os autores citam as pesquisas descritivas e as denominadas pesquisas exploratórias. Ambas esbarrariam em obstáculos na análise do “objeto” de estudo caso fosse adotada a pesquisa quantitativa, pois, tomando os fenômenos sociais como parâmetro, haveria uma resistência à mensuração<sup>7</sup>.

---

<sup>3</sup> PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani.Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/2jYUJvl>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>4</sup> MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: <<http://bit.ly/294DeE7>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>5</sup> DESLAURIERS, Jean-Pierre. KÉRISITS, Michele. **O delineamento de pesquisa qualitativa**. In: A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

<sup>6</sup> **Ibidem.**

<sup>7</sup> **Ibidem.**

A atividade de campo (ou empiria) empregada neste trabalho se amparou tanto nas descrições de uma situação social circunscrita, qual seja as rodas de leitura idealizadas pelo Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias, quanto na exploração das entrevistas semidiretivas e das histórias de vida, permitindo a familiarização com os entrevistados e suas preocupações.

Complementares entre si, a natureza descritiva possibilitou a percepção de “como” funciona a dinâmica do projeto de leitura da UNEB e também “o quê” os participantes (sujeitos ou atores da pesquisa) produzem a cada encontro. Já a natureza exploratória, a partir das entrevistas semidiretivas, destacou a visão dos próprios sujeitos encarcerados, considerando serem os principais interessados e detentores do conhecimento das suas vivências.

Em razão da minha compreensão de que eu não estaria diante de um “objeto” de pesquisa, as expressões “sujeitos” ou “atores” da pesquisa mostram-se mais adequadas, tendo em vista a humanização que os termos trazem consigo.

De acordo com a professora Christina de Rezende Rubim, a substituição do termo “objeto” é imprescindível neste caso, porque nas ciências sociais não se aplica a relação encontrada nas ciências naturais e exatas entre o sujeito cognoscente (indivíduo com capacidade de conhecer) e o objeto cognoscível (o que se pode conhecer)<sup>8</sup>.

Nas ciências sociais o que se quer conhecer não pode, por assim dizer, ser tratado como objeto físico, porque a sua natureza essencial não é de ser físico, mas ser vivo. Portanto, esta vida que impregna de subjetividade o objeto do conhecimento nas ciências sociais vem se somar as idiossincrasias do sujeito cognoscente, que também impregnado de paixões e valores, transforma e é transformado por aquele, caracterizando assim as subjetividades inerentes ao objeto e a si mesmo como “outro”, como diferente e ao mesmo tempo como participante de uma mesma espécie<sup>9</sup>.

A interação do autor-pesquisador e sujeitos da pesquisa configura-se, antes de mais nada, como uma relação humana, mas também como um relacionamento político. Enquanto o autor-pesquisador revela seus posicionamentos políticos através dos recursos textuais, os sujeitos da pesquisa os demonstram a partir da emissão de opiniões. A utilização desta possibilita, por se tratar de uma relação de trocas, que haja transformações no ambiente, no autor-pesquisador e

---

<sup>8</sup> RUBIM, Christina de Rezende. **A constituição e o ser da antropologia**: problemática e método. In: Revista Semestral do Departamento de Sociologia do Departamento de Pós Graduação em Sociologia FCL – UNESP. Araraquara, ano 4, vol. 7 – 2º semestre de 1999.

<sup>9</sup> **Ibidem**, p. 13.

também nos sujeitos da pesquisa<sup>10</sup>. Além das técnicas de observação e entrevistas semidiretivas, o presente trabalho de pesquisa embasou-se nas abordagens biográficas<sup>11</sup>.

### 2.1.2 A Empiria na Pesquisa Jurídica

Investigar um projeto no campo da educação no sistema prisional sob o olhar do sujeito encarcerado só se tornou possível a partir da colheita de dados em campo. Por isso, não obstante a maior incidência de pesquisas puramente teóricas no âmbito jurídico, este trabalho se desenvolveu alicerçado na empiria.

O professor Roberto Fragale Filho<sup>12</sup> adverte, a partir das suas experiências acadêmicas pessoais, sobre os problemas usuais que recaem sobre os trabalhos científicos na área do Direito. O docente aborda mais detalhadamente dois problemas epistemológicos que as pesquisas jurídicas costumam transparecer: (a) a “naturalização” dos conceitos e (b) as “mega-hipóteses”<sup>13</sup>.

Para explicar o primeiro problema epistemológico, Fragale constata que os trabalhos jurídicos corriqueiramente produzem e reproduzem conceitos. Tais conceitos, por vezes, exprimem definições e/ou naturezas jurídicas de determinados institutos apoiados em amplas abstrações, sendo manipulados de maneira “a-histórica” e também “a-crítica”<sup>14</sup>.

De tal modo, mesmo tratando-se de construtos sociais que sofrem modificações ao longo do tempo ou espaço, muitos operadores do Direito negligenciam a utilização dos conceitos deixando de adequá-los às transformações impostas pela contemporaneidade ou pelos relevantes aspectos regionais<sup>15</sup>. Como exemplo, citam-se as pesquisas jurídicas que abordam a necessidade de flexibilizar as normas trabalhistas em prol de uma dita economia nacional, porém, a título de ilustração, tais pesquisas não explicam em que consiste a suposta rigidez da legislação trabalhista ou como se processam na prática.

---

<sup>10</sup> **Ibidem.**

<sup>11</sup> O presente trabalho de pesquisa exploraria ainda a técnica da análise documental na investigação em campo. Entretanto, embora tenha tido acesso ao projeto escrito da UNEB que impulsionou a criação das rodas de leitura, como o Projeto de Leitura e Escrita – Ações Libertárias ainda não foi aprovado pelo Conselho Nacional de Justiça a título de remição de pena e também não houve a confecção do relatório final das atividades executadas, solicitei-me que não houvesse a divulgação da documentação por uma questão de cautela.

<sup>12</sup> FRAGALE, Roberto. **Quando a empiria é necessária?** In: XIV CONGRESSO NACIONAL DO CONPEPI, 2005, Fortaleza. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006. Disponível em: <<http://fragale.blogspot.com>>. Acesso em: 11 de jan. de 2018.

<sup>13</sup> **Ibidem.**

<sup>14</sup> **Ibidem.**

<sup>15</sup> **Ibidem.**

Já o segundo problema epistemológico indicado pelo autor consiste nas “mega-hipóteses” existentes nas monografias, dissertações ou teses. Essas “mega-hipóteses” apresentam uma falha na sua delimitação, posto que as dimensões pretendidas pelas mesmas são tão elevadas que o pesquisador jamais conseguiria investigá-las em virtude do tempo escasso ou por inexistir uma resposta normativa com amparo no mundo real<sup>16</sup>. Poder-se-ia pensar numa reformulação da pergunta de partida desta pesquisa, por exemplo: como os presos brasileiros avaliam o sistema educacional nacional? Observa-se neste caso que haveria uma maior facilidade na construção de “mega-hipóteses” a partir da especulação com total inviabilidade de exploração da respectiva temática.

Ao esboçar uma conclusão em seu texto, o professor Roberto Fragale assevera que a empiria, embora não deva ser vista como a solução para todos os percalços epistemológicos nem dissociada de uma metodologia própria, ela é capaz de recriar antigos conceitos cristalizados nos manuais jurídicos<sup>17</sup>. Por isso, optou-se pela pesquisa empírica para perscrutar o tema proposto.

### 2.1.3 Amostragem Utilizada

Para Álvaro Pires<sup>18</sup>, a palavra “amostra” apresenta uma significação dupla: “no sentido estrito ou operacional, ela designa exclusivamente o resultado de um procedimento visando extrair uma parte de um todo bem determinado”<sup>19</sup>. A seu turno, “no sentido amplo, ela designa o resultado de qualquer operação visando constituir o corpus empírico de uma pesquisa”<sup>20</sup>.

Ainda segundo Pires, as estratégias de amostragem são portadoras de uma considerável parte de imprevisibilidade, isso porque é inerente à pesquisa qualitativa a flexibilidade dos seus objetos (ou sujeitos da pesquisa) na medida em que ela progride<sup>21</sup>.

No caso deste trabalho, fizemos mudanças na definição da amostra. Inicialmente, pretendia-se investigar a visão dos estudantes do Colégio George Frago Modesto, situado na Penitenciária Lemos Brito, acerca do método pedagógico implementado pela Escola. Desse modo, a pergunta de partida inicial foi formulada da seguinte maneira: como os alunos do

---

<sup>16</sup> **Ibidem.**

<sup>17</sup> **Ibidem.**

<sup>18</sup> PIRES, Álvaro P. **Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico**. In: POUPART, Jean **et. al.** A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

<sup>19</sup> **Ibid.**, p. 154.

<sup>20</sup> **Ibid.**, **loc. cit.**

<sup>21</sup> **Ibidem.**

Colégio George Fragoso Modesto avaliam o método pedagógico implementado na instituição e a aplicação da remição de pena pela leitura? Entretanto, logo na primeira visita no dia 16 de outubro de 2017 realizada ao Colégio, a diretora Maria das Graças informou que estava em andamento nos módulos I e IV da PLB um inovador projeto de extensão da Universidade do Estado da Bahia implementado em parceria com a Escola, o Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias.

Em conversa com a orientadora Tatiana Emilia, decidimos, então, realizar mais um recorte na pesquisa em torno do referido projeto. Após algumas semanas deparei-me com dificuldades de obter a autorização para iniciar a pesquisa. Posteriormente, esta foi concedida pelo Superintendente de Ressocialização Sustentável da Secretaria de Administração Penitenciária e Ressocialização (Seap), Luís Antônio Fonseca.

A primeira participação no projeto de leitura como observador ocorreu no dia 23 de novembro de 2017. As professoras da UNEB responsáveis pela condução das rodas de leitura me designaram para acompanhar o grupo atuante no módulo IV. Elas também esclareceram que na semana seguinte eu poderia alterar e ir ao módulo I. Todavia, mais uma vez, após conversa com a orientadora Tatiana Emilia, concluímos que seria mais interessante continuar com o mesmo grupo (participantes do módulo IV) a fim de estabelecer uma maior relação de confiança com os sujeitos da pesquisa.

Com o propósito de auxiliar na compreensão dos dados colhidos e do local da amostragem, apresentarei algumas considerações a respeito dos módulos situados na Penitenciária Lemos Brito. A PLB é o local do Complexo Lemos Brito exclusivo para os presos condenados e é dividido entre os módulos I, II, IV e V.

Segundo relatos de Tânia Lúcia Santos, coordenadora de atividades laborativas e educacionais da PLB, atualmente, o módulo IV abrange cerca de 200 internos. É fato público que o módulo IV deveria estar desativado ante as condições precárias e riscos de desabamento<sup>22</sup>. Contudo, o Sindicato dos Servidores Penitenciários do Estado da Bahia (SINSPEB) afirmou que hoje em dia o módulo custodia os internos que apresentam bom comportamento carcerário e que desenvolvem atividades laborativas e/ou educacionais<sup>23</sup>. Complementando a informação

---

<sup>22</sup> DALTRO, Euzeni. Penitenciária tem dois PMs e cinco agentes por plantão. **A Tarde**, Salvador, 03 de set. 2009. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1709696-penitenciaria-tem-dois-pms-e-cinco-agentes-por-plantao>>. Acesso em: 15 de jan. de 2018.

<sup>23</sup> Preso escapa da Lemos Brito 11 dias após fuga em massa da Mata Escura. **Correio**, Salvador, 12 de abril de 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/2o49XiE>>. Acesso em: 15 de jan. de 2018.

do SINSPEB, Tânia Lúcia acrescentou que o módulo IV abarca também presos idosos e doentes.

Diferentemente dos módulos II e V, onde somente há atividades laborativas internas não remuneradas, tais como faxina e artesanato; nos módulos I e IV os apenados podem trabalhar fora do respectivo módulo – são os chamados “fardas amarelas ou azuis”.

De acordo com a coordenadora de atividades laborativas e educacionais, via de regra, para se ter acesso ao módulo IV, não sendo um apenado doente ou idoso, o interno deverá passar por uma “análise de comportamento”. Esta é pautada unicamente pela arbitrariedade da Administração Prisional, vez que não há um amparo legal que a defina.

Primeiramente, um indivíduo condenado a uma pena de reclusão em regime inicialmente fechado deverá ser transferido para o módulo I, II ou V da PLB. Não iniciando o cumprimento da pena no módulo I, caso demonstre interesse em desenvolver uma atividade laborativa remunerada, o interno precisará solicitar sua transferência para o respectivo módulo. Neste, poderá trabalhar como farda amarela nas denominadas “oficinas de trabalho” (local do Complexo Lemos Brito que tem ligação direta<sup>24</sup> com os módulos I e IV, onde algumas empresas se instalam com o intuito de utilizar a mão-de-obra dos presos pagando até 3/4 do salário mínimo<sup>25</sup>). Por fim, encerrando a “análise de comportamento”, se o apenado obtiver um bom desempenho enquanto “farda amarela”, estará apto para ser transferido ao módulo IV, caso seja do interesse da Administração Prisional.

As ditas vantagens do módulo IV em relação aos demais são as celas que costumam ser individuais e existe a possibilidade de trabalhar como “farda azul”, ou seja, desenvolver atividade laborativa em uma das seguintes empresas: oficina de cerâmica (responsável pela criação de artes na forma mosaicos<sup>26</sup>), padaria ou LA Blocos e Premoldados. Como essas empresas não possuem ligações diretas com os módulos I e IV, os fardas azuis podem circular livremente pelo Complexo Lemos Brito carregando as chaves das suas próprias celas, onde deverão se recolher às 17h. Além disso, outra dita vantagem do módulo IV em comparação com os demais é que nesta unidade, segundo a coordenadora de atividades laborativas e

---

<sup>24</sup> Tanto no módulo I quanto no módulo IV existe uma espécie de passarela interligando a unidade prisional com a área onde estão localizadas as oficinas.

<sup>25</sup> ALVES, Alan Tiago. Sem emprego, quase 90% dos presos em regime semiaberto na BA não podem deixar unidades prisionais. **G1**, Salvador, 31 de out. de 2017. Disponível em: < <https://glo.bo/2Cnr4AB>>. Acesso em: 16 de jan. de 2018.

<sup>26</sup> AQUINO, Carol. Arte no cárcere: projeto oferece oficina de cerâmica a presos em penitenciária baiana. **Correio**, Salvador, 24 de jun. de 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/2Gh8tZ0>>. Acesso em: 16 de jan. de 2018.



educacionais, a atuação das gangues prisionais, investigadas no estudo do professor Luiz Claudio Lourenço<sup>27</sup>, não é manifesta.

Assim, compreendido devidamente o local da amostragem e almejando formar o corpo empírico deste trabalho, a pergunta de partida foi alterada, passando para a seguinte redação: como os internos do módulo IV da Penitenciária Lemos Brito avaliam o Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias e a possibilidade de aplicação da remição da pena pela leitura?.

O pesquisador deve produzir seus dados, também chamados de provas empíricas, de uma maneira consistente, na qual se permita construir adequadamente seu problema de pesquisa e sua análise. Por isso, Álvaro Pires leciona que seria fútil pretender arquitetar critérios formais de amostragem<sup>28</sup>.

Ensina ainda que existem dois tipos de dados que podem ser colhidos, o quantitativo e o qualitativo. O primeiro tipo é também intitulado de “os números”, cuja ênfase se volta mais para as regras de amostragem do que o segundo tipo, denominado de “as letras”, que se preocupa com a adequação entre o tipo de amostra e o “objeto” da pesquisa<sup>29</sup>. Esta monografia adotou o tipo qualitativo.

Em que pese não constituir um rigor formal pelos motivos já apresentados, a amostragem projetada dos sujeitos da pesquisa buscou ser a mais heterogênea possível, respeitando o que Álvares Pires chama de “diversificação interna ou intragrupo” da coleta de dados<sup>30</sup>. Dentre os 22 (vinte e dois) apenados do módulo IV participantes do Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias, foram selecionados cinco indivíduos com distintas escolaridades, faixas etárias e classes sociais. Ademais, considerando que do total dos 22 participantes havia somente 04 (quatro) brancos e 18 (dezoito) negros, a amostra foi representada por uma maioria negra, sendo entrevistados um branco e quatro negros.

A escolha de cinco sujeitos na pesquisa considerando um universo de vinte e dois está respaldada no que Pires chama de princípio da saturação<sup>31</sup>. Para ele, sob o ponto de vista operacional, não seria viável ou proveitoso que uma amostra abrangesse a totalidade do objeto/sujeito, pois em um determinado momento não haveria informações novas ou diferentes

---

<sup>27</sup> LOURENÇO, Luiz Claudio; ALMEIDA, Odilza Lines de. **Quem mantém a ordem, quem cria desordem: gangues prisionais na Bahia**. Disponível em: <<http://bit.ly/2t6DD3N>>. Acesso em 17 de jan. de 2018.

<sup>28</sup> PIRES, Álvaro P., **op. cit., loc. cit.**

<sup>29</sup> **Ibidem.**

<sup>30</sup> **Ibidem**, p. 198.

<sup>31</sup> **Ibidem.**

que justificassem a ampliação do material empírico<sup>32</sup>. Além do mais, sob o ponto de vista metodológico, a saturação “permite generalizar os resultados para o conjunto do universo de análise (população) ao qual o grupo analisado pertence (generalização empírico-analítica)”<sup>33</sup>.

## 2.2 A Indução Analítica

Surgida no século XX, a indução analítica foi um dos primeiros métodos de pesquisa sociológica; sua aparição coincidiu com o crescimento da Escola de Chicago, momento em que seus pesquisadores realizaram o uso de relatos de vida e dos estudos de caso<sup>34</sup>.

Ao tratar da indução analítica, o polonês Florian Znaniecki a definiu em oposição manifesta aos métodos estatísticos, que trabalham com uma grande quantidade de dados sem considerar as peculiaridades dos casos excepcionais<sup>35</sup>. Por outro lado, para Znaniecki, a indução analítica se inicia onde a indução enumerativa termina, propiciando um conhecimento aprofundado e verdadeiro da situação pesquisada<sup>36</sup>.

Indução analítica é, portanto, um procedimento lógico que parte do concreto para chegar ao abstrato. Pauta-se numa análise aprofundada de um número pequeno de casos, descreve as características mais relevantes e as observa com o intuito de atingir (ou deduzir) um resultado determinado<sup>37</sup>.

Invertendo o sentido dos métodos hipotético-dedutivos, na indução analítica a pesquisa ocorrerá de cima para baixo, ou seja, a partir dos fatos o pesquisador chegará às proposições e conceitos teóricos<sup>38</sup>. Por esse motivo, a teoria e as hipóteses correspondem ao ponto de chegada do método, e não ao ponto de saída - “elas serão elaboradas durante a pesquisa, pela interação da explicação e das informações, até sua formulação final”<sup>39</sup>.

Essa dinâmica adotada pela indução analítica possibilita a reformulação das hipóteses quantas vezes for necessário no decorrer da investigação, por isso, há teóricos que defendem a

---

<sup>32</sup> **Ibidem.**

<sup>33</sup> **Ibid.**, p. 198.

<sup>34</sup> DESLAURIERS, Jean-Pierre. **A indução analítica**. In: POUPART, Jean, **et. al.** A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

<sup>35</sup> ZNANIECKI, Florian **apud** DESLAURIERS, Jean-Pierre, **ibidem.**

<sup>36</sup> **Ibidem.**

<sup>37</sup> **Ibidem.**

<sup>38</sup> **Ibidem.**

<sup>39</sup> **Ibid.**, p. 341.

utilização da expressão “hipóteses provisórias”<sup>40</sup>. Salienta-se que essas hipóteses não são derivadas de teorias e não representam o ponto de partida da pesquisa.

A indução analítica norteou toda a investigação da presente monografia. Conforme salientado, logo na primeira visita em campo a pergunta de partida precisou ser refeita. Além dela, os postulados e as condições metodológicas também sofreram modificações.

## 2.3 Técnicas da Pesquisa

### 2.3.1 Observação Direta

De acordo com Myléne Jaccoud e Robert Mayer, a observação revela-se como um critério fundamental de conhecimento que se firmou como uma condição primária do saber nas ciências sociais pelos fundadores da sociologia<sup>41</sup>.

A observação direta, também denominada de observação participante ou observação *in situ*<sup>42</sup>, insere-se no procedimento da pesquisa qualitativa. Ela consiste na atividade do pesquisador em observar pessoalmente por um longo período de tempo determinadas situações e comportamentos que são objetos da sua investigação, evitando que os mesmos sejam conhecidos somente por meio dos sujeitos da pesquisa<sup>43</sup>.

Os princípios dessa técnica de pesquisa foram empregados no presente trabalho. A observação direta se desenvolveu durante o acompanhamento dos encontros do Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias ao longo de três semanas no módulo IV da Penitenciária Lemos Brito.

A primeira roda de leitura observada ocorreu no dia 23 de novembro de 2017; a segunda se deu em 30 de novembro, data em que também foi observado o VI Sarau Literário do Colégio George Frago Modesto e, por fim, a terceira visita ocorreu no dia 14 de dezembro de 2017.

A observação direta permitiu extrair que dos 22 (vinte e dois internos) que compunham o projeto de leitura 18 (dezoito) eram negros. Além disso, declarações de informantes durante as rodas de leitura revelaram que dos 04 (quatro) brancos participantes, 03 (três) possuíam

---

<sup>40</sup> CRESSEY, Donald R., **apud** DESLAURIERS, Jean-Pierre, **ibidem**.

<sup>41</sup> JACCOUD, Myléne e MAYER Robert. **A Observação direta e a pesquisa qualitativa**. In: POUPART, Jean, **et. al.** A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

<sup>42</sup> **Ibidem**.

<sup>43</sup> **Ibidem**.

ensino superior. Por outro lado, dos 18 (dezoito negros), somente 03 (três) haviam feito faculdade.

Durante as observações das rodas de leitura, não houve nenhum tipo de intervenção por parte do pesquisador, vez que foi adotado o modelo da passividade ou da retratação, segundo o qual o observador deve colher os dados de maneira descritiva<sup>44</sup>. Assim, o pesquisador tão somente analisa a organização do grupo, bem como os indivíduos que nele estão inseridos.

A atitude de discrição do pesquisador visa a obtenção de confiança e também impede que existam alterações na organização cotidiana do grupo que se observa<sup>45</sup>. Ademais, no tocante às anotações de campo, elas são de ordem metodológica, vez que pretendem construir uma interpretação teórica do contexto analisado<sup>46</sup>.

Houve o consentimento prévio de todos os integrantes do grupo de leitura do módulo IV do Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias. Também por questões de natureza ética, nenhum dos participantes teve a sua identidade revelada neste trabalho.

### 2.3.2 Entrevista Semidiretiva

A entrevista semidiretiva foi a segunda técnica adotada. Foram escolhidos cinco participantes do Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias do módulo IV da PLB para serem entrevistados.

Tal técnica, segundo ensinamentos de Danielle Ruquoy<sup>47</sup>, consiste na posição do pesquisador como um singelo orientador responsável por conduzir uma conversa com o entrevistado desprovida de formalidades, porém embasada numa metodologia específica. Sem parecer indiferente, o entrevistador não deve expressar opiniões, sugestões ou avaliações pessoais. Além do mais, é necessário que o interlocutor se sinta acolhido a partir da aceitação incondicional e estímulos das suas opiniões e sentimentos expressados. O conjunto desses fatores é o que torna possível a formação de um clima de confiança<sup>48</sup>.

Durante toda a manhã do dia 04 de dezembro foram entrevistados dois participantes do projeto de leitura e no turno vespertino da mesma data ocorreram outras duas entrevistas. Por

---

<sup>44</sup> **Ibidem.**

<sup>45</sup> **Ibidem.**

<sup>46</sup> **Ibidem.**

<sup>47</sup> RUQUOY, Danielle. **Situação de entrevista e estratégia do entrevistador**. In: ALBARELLO, Luc. **et al.** Práticas e métodos de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva, 1997.

<sup>48</sup> **Ibidem.**

sua vez, a quinta entrevista foi realizada na manhã do dia 12 de dezembro de 2017. Todas elas foram comentadas no terceiro capítulo deste trabalho e o guia de entrevista consta no apêndice A. Cada uma das entrevistas foi realizada em condições metodológicas diversas, que variaram desde os locais das interlocuções até restrições de determinadas perguntas a pedido dos próprios entrevistados.

O objetivo das entrevistas foi compreender, a partir visão da dos sujeitos da pesquisa, o que eles pensam acerca do Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias e como enxergam a possibilidade de ter sua pena remida através da leitura.

Houve a utilização da relação verbal direta (frente a frente) entre o pesquisador e o entrevistado<sup>49</sup>, que se baseou num guia de entrevista fracamente construído<sup>50</sup> com o intuito de permitir a realização de novas perguntas<sup>51</sup>.

Sob a perspectiva da entrevista semidiretiva, houve uma preocupação que o entrevistado seguisse sua própria linha de raciocínio ao longo do diálogo e, ao mesmo tempo, que o pesquisador buscasse uma pertinência quanto ao objeto da investigação<sup>52</sup>.

### 2.3.3 Abordagem Biográfica

Ao lado da observação direta e da entrevista semidiretiva encontra-se a terceira técnica de pesquisa adotada por este trabalho: a abordagem biográfica ou histórias de vida<sup>53</sup>. Gilles Houle ensina que a biografia de um indivíduo é capaz de retratar toda uma sociedade. “A história de uma vida não se refere apenas ao vivido de um sujeito, ele é também, e simultaneamente, o relato ou a história da vida em sociedade”<sup>54</sup>.

Os relatos dos entrevistados acerca do Projeto de Leitura e Escrita – Ações Libertárias permitiram que toda uma comunidade se expressasse. Suas histórias de vida possibilitaram compreender como as questões raciais e sociais estão intimamente ligadas aos aspectos educacionais. Os sujeitos encarcerados sofrem, além dos assombrosos déficits estruturais, graves problemas no âmbito educacional.

---

<sup>49</sup> **Ibidem.**

<sup>50</sup> O guia fracamente elaborado é aquele construído a partir de questões abertas que possibilitem a livre exposição do pensamento do entrevistado, conforme Danielle Ruquoy.

<sup>51</sup> **Ibidem.**

<sup>52</sup> **Ibidem.**

<sup>53</sup> HOULE, Gilles. **A sociologia como ciência: a abordagem biográfica.** In: POUPART, Jean, **et. al.** A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

<sup>54</sup> **Ibidem.**, p. 320.

Não por acaso, os dois entrevistados negros e de origem pobre detinham o menor nível de escolaridade; enquanto um ainda não havia concluído o ensino médio, o outro sequer foi alfabetizado.

Françoise Digneffe<sup>55</sup> leciona que “o relato de vida tenta captar a relação dialética entre o indivíduo produto da história e o indivíduo produtor da história”<sup>56</sup>. Assim, o método biográfico permite o reconhecimento do valor sociológico no saber individual, vez que “só se pode captar-se o sentido e a função de um fato social através de uma experiência vivida”<sup>57</sup>. O exemplo apontado pela autora está na impossibilidade de uma análise histórica ou sociológica das instituições sem a inserção dos agentes reais da história institucional<sup>58</sup>. Facilmente percebe-se a relação desta assertiva com a necessidade de entender a educação no sistema prisional juntamente com os relatos de vida dos sujeitos encarcerados.

A abordagem biográfica possibilita ainda a absorção de alguns dados que fogem às macroestatísticas, pois quando se trata de relatos de vida dos sujeitos, aborda-se as subjetividades e peculiaridades de cada caso<sup>59</sup>.

Por essa razão, como parte do concreto, entende-se que a abordagem biográfica dificilmente segue um caminho linear ou sistemático<sup>60</sup>. Entretanto, a história única encontrada não está verdadeiramente isolada, pelo contrário, “essa história individualiza a história social coletiva de um grupo ou de uma classe, é ao mesmo tempo o produto e a expressão dessa classe”<sup>61</sup>.

---

<sup>55</sup> DIGNEFFE, Françoise. **Do individual ao social**: a abordagem biográfica. In: ALBARELLO, Luc. **et al.** Práticas e métodos de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva, 1997.

<sup>56</sup> **Ibid.**, p. 208.

<sup>57</sup> **Ibid.**, p. 209.

<sup>58</sup> **Ibidem.**

<sup>59</sup> **Ibidem.**

<sup>60</sup> **Ibidem.**

<sup>61</sup> **Ibid.**, p. 207.

### **3 O RETORNO À PENITENCIÁRIA LEMOS BRITO SOB A ÓTICA DE PESQUISADOR**

#### **3.1 Primeiro Contato como Pesquisador e a Reformulação da Questão de Pesquisa**

O estágio realizado na Defensoria Pública do Estado da Bahia no núcleo de execução penal da Penitenciária Lemos Brito ao longo de um ano e dois meses me permitiu adentrar o Complexo Penitenciário Lemos Brito, localizado no bairro da Mata Escura (Salvador/BA), diversas vezes. Todavia, durante a manhã do dia 16 de outubro de 2017, a visita tinha uma finalidade distinta daquelas que me levaram anteriormente. Nesta oportunidade, o objetivo não era analisar processos de execução penal pela Defensoria Pública, atender assistidos ou auxiliar nas defesas de procedimentos administrativos disciplinares; o intuito agora era iniciar uma pesquisa acadêmica.

Na semana anterior à visita, havia entrado em contato por telefone com a senhora Maria das Graças Reis Barreto, diretora do Colégio George Fragoso Modesto, bem como com a senhora Janete Pereira de Souza, vice-diretora. Já nos diálogos ocorridos durante as ligações, ambas se mostraram altamente atenciosas e interessadas em minha pesquisa. Assim, combinamos no turno matutino da segunda-feira (16) para conversarmos melhor a respeito do tema que me propus a escrever.

Aproximadamente às 09h30min cheguei na portaria do Complexo, onde pude rever rostos conhecidos e amigáveis em meio aos agentes de segurança, por isso não foi necessário mostrar nenhum tipo de identificação.

Ao ultrapassar o acesso principal, logo ao lado direito está o Centro de Observação Penal (COP)<sup>62</sup> e o Conjunto Penal Feminino (CPF). Mais adiante, é possível visualizar ao lado esquerdo um espaço reservado à Polícia Militar, no qual há um campo de futebol usado para treinamento dos próprios policiais. Em seguida, estão as oficinas de trabalho utilizadas pelos internos para desempenharem atividades laborativas. Um pouco mais adiante, ao passar por uma pequena portaria, está situada a Penitenciária Lemos Brito (PLB), local do Complexo reservado aos presos condenados e dividido entre os módulos I, II, IV e V. Antes de chegar aos módulos da PLB estão localizados, respectivamente, as salas a serviço da Administração em geral, a sala da Defensoria Pública do Estado e, por fim, o Colégio George Fragoso Modesto.

---

<sup>62</sup> O COP, em tese, deveria funcionar nos moldes do artigo 96 da Lei de Execuções Penais (LEP), sendo um local destinado para a realização de exames gerais e criminológicos dos custodiados.

Na recepção do Colégio uma servidora chamada Iara me atendeu, eu relatei que era estudante da graduação da Universidade Federal da Bahia e havia marcado uma reunião com diretora, Maria das Graças. Ao anunciar minha chegada, Maria das Graças prontamente pediu para que eu entrasse em sua sala.

O espaço do Colégio é relativamente pequeno, todas as suas paredes são pintadas numa cor verde clara e os corredores são amontoados de pastas e módulos com o carimbo do Governo Federal. Dentro da sala da diretora há duas mesas pequenas e outras pilhas de papéis. Para ficarmos mais à vontade, já que em uma das mesas havia uma servidora trabalhando, a diretora me convidou para uma sala de aula logo ao lado.

Na sala de aula havia cadeiras de plástico azuis organizadas em fileiras, uma lousa grande branca e um ar-condicionado com aspecto novo. Neste cenário iniciamos um diálogo de apresentação do tema e breves perspectivas do projeto de pesquisa. Por sua vez, Graça, como costuma ser chamada, relatou-me as principais propostas da sua gestão iniciada em 07 de fevereiro de 2011, dentre as quais merecem destaque a adoção de portfólios anuais, implementação das aulas em três turnos (matutino, vespertino e noturno), elaboração de projetos voltados para maior autonomia do sujeito encarcerado e também pautados na resistência negra.

Os portfólios, segundo a diretora, foram inseridos desde 2011. Folheando rapidamente os cadernos, verifica-se a presença de relatórios periódicos das variadas disciplinas confeccionados pelos professores do Colégio George Frago Modesto, que atualmente conta com cinquenta docentes efetivos oriundos do quadro funcional da Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

Nos relatórios constantes nos portfólios estão reunidos os principais projetos e atividades realizados pelos docentes ao longo do ano letivo. Como exemplo de uma das iniciativas promovidas cita-se o projeto “A Cor do Brasil”, o qual ficou em segundo lugar no concurso nacional de Educação em Direitos Humanos realizado pelo Ministério da Educação - MEC através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão- SECADI em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

Na cartilha e no site do concurso Educação em Direitos Humanos 2014, o Colégio é mencionado como uma instituição que “consegue desenvolver atividades contextualizadas com a realidade do aluno privado de liberdade favorecendo a motivação para aprendizagem e



desenvolvendo a capacidade de interpretar os acontecimentos que ocorrem no seu dia a dia<sup>63</sup>”. Apesar da descrição positiva, o principal objetivo do projeto “A Cor do Brasil” foi deixado de lado na apresentação, visto que em conformidade com o projeto original que tive acesso, delimita-se como objetivo geral:

Possibilitar aos alunos conhecimentos a partir de conceitos referenciais étnicos distorcidos historicamente, com olhar para as mudanças de forma crítico-reflexiva sobre a imagem dos afrodescendentes através das relações intrapessoal e interpessoal<sup>64</sup>.

Nas palavras da diretora, dar voz ao sujeito encarcerado e possibilitá-lo refletir acerca da luta dos movimentos sociais de negros e negras, das questões de gênero e até mesmo discussões relacionados à idade são fatores imprescindíveis para o aprendizado.

Os docentes ministram suas aulas dentro do Complexo Penitenciário e dividem as turmas entre a Cadeia Pública, Presídio Salvador, PLB e CPF; sendo que os dois primeiros são destinados aos presos provisórios e o Conjunto Penal Feminino engloba tanto presas provisórias quanto sentenciadas. Fora do Complexo existe atuação dentro do Hospital de Custódia e Tratamento, da Colônia Penal Lafaiete Coutinho e da Casa do Albergado e Egressos (CAE)<sup>65</sup>.

Ao total, a Escola possui sessenta e uma turmas; atende em média 1150 (mil cento e cinquenta) estudantes; dispõe de treze funcionários responsáveis pela parte administrativa e distribuição da merenda; e tudo isso é compartilhado em três turnos de trabalho.

O Colégio George Fragoso Modesto adota a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como modalidade única de educação básica completa. De acordo com a legislação própria e as diretrizes estabelecidas, a diretora informou que a Escola divide o aprendizado em três tempos formativos. Os tempos formativos são, por sua vez, subdivididos em sete eixos temáticos.

Em que pese ser equivocada a equivalência, a título de compreensão, Maria das Graças afirmou que o primeiro tempo formativo seria análogo ao período da alfabetização até a quarta série; o segundo tempo formativo seria similar ao período do quinto ao nono ano e o terceiro tempo formativo corresponderia ao ensino médio. Enfatizou que não são equivalentes, porque a EJA não trabalha com essa classificação. Inclusive, uma peculiaridade da EJA é que não

---

<sup>63</sup> Vencedores 2014 – Prêmio Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Governo do Brasil**, Nov. 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2zuZVv4>>. Acesso em: 17 out. 2017.

<sup>64</sup> COLÉGIO GEORGE FRAGOSO MODESTO. **Escola Especial da Penitenciária Lemos Brito: Projeto a Cor do Brasil**. Salvador, s.d.

<sup>65</sup> Consoante o artigo 93 e seguintes da LEP, na Casa de Albergado e Egressos deveria funcionar o regime aberto, porém ante a ausência de vagas no regime semiaberto, hoje em dia a CAE funciona em paralelo com a Colônia Penal Lafaiete Coutinho. Por isso, houve a migração de muitos alunos desta para aquela.

existem provas escritas costumeiramente aplicadas em outras escolas, os alunos são avaliados a partir das suas participações em sala de aula e na elaboração das atividades propostas.

Tivemos acesso ao Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio George Frago Modesto, documento que descreve a estruturação e organização dos tempos formativos. Conforme já antecipado, há três tempos formativos que são subdivididos em sete eixos temáticos, cada um dos eixos tem duração de um ano.

No primeiro e no segundo tempos formativos são trabalhadas as seguintes áreas de conhecimento: Linguagens (Língua Portuguesa e Artes), Matemática, Estudos da Natureza e da Sociedade. Já o terceiro tempo formativo, trabalha-se com Linguagens, Códigos, Ciências Humanas e suas Tecnologias, Artes, Atividades Laborais, Ciência da Natureza, Matemática e Tecnologias.

O primeiro tempo formativo é subdividido no eixo I – Identidade e Cultura; eixo II – Cidadania e Trabalho e eixo III – Saúde e Meio Ambiente. O segundo tempo formativo é subdividido no eixo IV – Trabalho e Sociedade e eixo V – Meio Ambiente e Movimentos Sociais. Por fim, o terceiro tempo formativo é subdividido no eixo VI – Globalização, Cultura e Conhecimento e eixo VII – Economia Solidária e Empreendedorismo.

A diretora asseverou, entretanto, que o PPP da Escola está defasado desde 2013, revelando uma evidente insatisfação em relação a este ponto. Afirmou ainda que a atualização do PPP é um das principais pautas para o próximo ano.

No tocante à remição pela leitura, a diretora mencionou que, embora exista a Resolução nº 44 do Conselho Nacional de Justiça e alguns estados já a adotem, no Colégio George Frago Modesto houve uma tentativa de implementação com a professora Cláudia Moraes Trindade, mas não foi dada continuidade. No entanto, não tive acesso a outros elementos que esclarecessem a respeito da não continuidade dessa iniciativa.

No ano de 2017, o Departamento de Educação através do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) publicou um projeto inovador de extensão em parceria com a Escola. Trata-se do Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias, que conta com a coordenação das Professoras Dra. Rosemary Lapa de Oliveira, Dra. Maria Alba Guedes Machado Mello e Dra. Andréa Betânia da Silva. Atualmente, de acordo com a diretora, o projeto já está sendo executado na Escola com reuniões de grupos de leitura nos módulos I e IV da PLB às quintas-feiras do turno vespertino. Todavia, ainda não houve o deferimento da

remição de pena pelo juízo da execução penal, vez que aguarda a regulamentação do Corregedor do CNJ.

A diretora destacou ainda que como o projeto de leitura mencionado é oriundo de um curso de extensão universitária, ele abrange tanto os estudantes do Colégio quanto os internos que eventualmente já têm a educação básica. Ademais, sendo a UNEB multicampi, no futuro o projeto poderá ser ampliado para outras unidades prisionais localizadas no interior do estado da Bahia.

Ainda sobre o projeto da UNEB, a diretora enfatizou que a ideia é não se limitar às resenhas de textos comumente utilizadas em unidades nas quais a remição pela leitura já é realidade, a proposta aqui é promover a criação de rodas de leitura com a participação de professores e estagiários voluntários. O resultado almejado após as reuniões é a publicação de um livro.

Ao final do diálogo, com o objetivo de oficializar a autorização para o início da pesquisa, a diretora informou que não bastava o consentimento dela, mas que o diretor da PLB seria o responsável por analisar os pedidos de pesquisas dentro das unidades de regime fechado do Complexo da Mata Escura. Dessa forma, ao me despedir da diretora Maria das Graças, direcionei-me até a sala do diretor Rogério Lopes, onde uma servidora pública informou que ele não se encontrava.

### **3.2 As Dificuldades Enfrentadas Após o Primeiro Contato**

Retornei à penitenciária no dia 19 de outubro de 2017, oportunidade em que houve uma reunião com o diretor Rogério Lopes, tendo este dito que por sua parte não haveria objeção para o início da pesquisa, mas que o pedido de autorização deveria ser encaminhado ao e-mail do Superintendente de Ressocialização Sustentável da Secretaria de Administração Penitenciária e Ressocialização (Seap), Luís Antônio Fonseca.

Após a preparação do ofício, no dia 25 de outubro de 2017, a orientadora Tatiana Emilia assinou o mencionado pedido de autorização, o qual foi enviado ao e-mail institucional do Superintendente no dia 27 de outubro.

Após esperar o prazo de uma semana sem retorno acerca do pedido encaminhado, entrei em contato por telefone com o diretor no dia 06 de novembro, este afirmou que tentaria contato

com a secretária do Superintendente, pedindo para retornar na semana seguinte caso não houvesse resposta.

Como não existiu nenhum informe, entrei novamente em contato com o diretor Rogério Lopes no dia 14 de novembro, e ele assegurou que meu pedido já estava em processo de análise. Dois dias depois, fui até a penitenciária, onde o diretor tinha uma reunião agendada com o Superintendente. Encerrada a reunião, Rogério me chamou até a sua sala e me apresentou ao Superintendente, momento em que descrevi a temática da pesquisa e a dificuldade em conseguir a autorização. O Superintendente, então, pediu para registrar seu número e também reencaminhar o pedido de autorização para seu e-mail pessoal.

Ainda no dia 16 de novembro, visitei o Colégio George Frago Modesto e expliquei à diretora Maria das Graças o motivo de ainda não ter iniciado a pesquisa. Como o Superintendente asseverou que resolveria o mais rápido possível, deixei pré-agendada com a diretora a possibilidade de participar da reunião do grupo de leitura criado pelo Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias na quinta-feira do dia 23 de novembro.

Nessa visita ao Colégio, fui apresentado ao Professor de História chamado Fábio Carvalho da Hora, um dos responsáveis juntamente com a Professora Dra. Rosemary Lapa de Oliveira, pelas conduções das reuniões de leitura no módulo IV. O professor foi receptivo e demonstrou ser um grande entusiasta do projeto. Relatou que o grupo de leitura deste módulo conta com a participação de mais de vinte internos com níveis de escolaridade diversas (desde internos em processo de alfabetização até internos com ensino superior), mas que cada um levava sua bagagem de vida para as reuniões e enriquecia de maneira única os encontros.

Além do Professor Fábio, também conheci duas Professoras da UNEB idealizadoras do projeto, a Dra. Maria Alba Guedes Machado Mello e a Dra. Andréa Betânia da Silva. Como no primeiro momento solicitei participar da reunião de leitura, e não somente entrevistar internos separadamente, as professoras disseram que iriam naquele mesmo dia, já que haveria uma reunião, perguntar se todos os participantes aceitariam minha presença. Elas, então, pegaram meu número de celular e ficaram de encaminhar uma mensagem para dar um retorno.

No dia seguinte, o Professor Fábio encaminhou uma mensagem afirmando que os internos concordaram de maneira unânime com a minha presença nos encontros. Além desta mensagem de confirmação, a Professora Dra. Alba confirmou a possibilidade de participação nas rodas de leitura.

Assim, na semana seguinte, especificamente no dia 21 de novembro, recebi um e-mail da diretora Maria das Graças repassando a mensagem do Superintendente de Ressocialização Sustentável da Secretaria de Administração Penitenciária e Ressocialização autorizando o início da pesquisa.

### **3.3 Participações no Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias do Módulo IV da Penitenciária Lemos Brito**

#### **3.3.1 Primeiro Encontro com a Roda de Leitura: Impressões Iniciais**

Na quinta-feira do dia 23 de novembro de 2017 cheguei ao Complexo Penitenciário Lemos Brito por volta das 13h15min. Reunidos no Colégio George Fragoso Modesto, os professores e monitoras (estudantes do curso de Serviço Social da UNEB) aguardavam o horário de início da reunião, que começa pontualmente às 13h30min e encerra às 15h30min. Tratava-se da minha primeira visita, mas já era o nono encontro dos grupos de leitura.

Conforme mencionado, o Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias é distribuído em dois grupos de trabalho, ambos atuantes dentro da PLB nos módulos I e IV. No módulo I participam as Professoras Maria Alba, Andréa Betânia da Silva e duas monitoras (Darlaine e Ana). Por sua vez, no módulo IV, também com o auxílio de duas monitoras (Larine e Vanessa), o Professor Fábio e a Professora Rosemary coordenam as reuniões de leitura.

Quando se aproximou do horário de início da reunião, cada grupo se dirigiu para o respectivo módulo; neste dia, conforme solicitado pela Professora Alba, acompanhei o grupo responsável pelo módulo IV. Nós (eu, o Professor Fábio e as duas monitoras), então, atravessamos um pequeno corredor do próprio Colégio, subimos uma escada relativamente grande e pouco iluminada que dava acesso a um portão de metal trancado com cadeado por dentro.

O Professor Fábio bateu algumas vezes nesse portão de metal até um agente penitenciário abri-lo. O agente nos conduziu à recepção, onde todos deixaram documentos de identificação que seriam devolvidos somente após a reunião. Em seguida, abriram os portões que davam acesso ao módulo e, após atravessar um extenso corredor escuro, chegamos à capela da unidade. O espaço não era grande, mas comportava de forma confortável todos os presentes.

As reuniões do módulo IV costumam ocorrer dentro dessa capela, na qual os próprios internos já deixam cadeiras de plásticos dispostas em círculo. Após breves cumprimentos com

os internos, todos se sentaram para o início da reunião. O Professor Fábio, então, apresentou-me formalmente ao grupo, lembrando a todos sobre a minha pesquisa.

Sentada ao meu lado, uma das estagiárias do projeto gentilmente compartilhou uma mesinha colocada em frente às cadeiras para apoiarmos os cadernos e folhas de anotação. A lista de presença contava com os nomes de 22 apenados, dentre eles havia quatro participantes que foram escolhidos como “monitores internos”. Os “monitores internos” auxiliavam as “monitores externas” (as estudantes de Serviço Social) na condução das variadas atividades desenvolvidas ao longo do curso.

Nesta reunião, inicialmente havia 19 presentes, porém os outros participantes do projeto foram chegando com um pequeno atraso e, em poucos minutos, os 22 internos estavam reunidos.

Logo de início, o que mais chamou atenção foi que do total de 22 internos, 18 eram negros. Posteriormente, uma monitora do projeto, que já acompanhava os internos ao longo das nove semanas, informou-me que dos quatro brancos que participavam das rodas de leitura, três possuíam ensino superior. Por outro lado, dos dezoito negros, somente três fizeram faculdade. Esses dados foram, em outro momento da investigação, confirmados por um dos entrevistados durante uma conversa informal.

A dinâmica adotada a cada encontro do grupo de leitura ocorre da seguinte maneira: os professores responsáveis por cada módulo passam atividades semanais consistentes em leituras diversas. Os internos, então, lerão o que fora sugerido e na semana seguinte trarão a atividade manuscrita para ser lida diante do grupo, debatida e entregue. Após a leitura na presença do grupo, os professores fomentam as discussões, sempre indagando se alguém gostaria de realizar alguma observação ou contribuição em torno da resenha. Em conversa com uma das monitoras do projeto após a reunião, fui informado que como eventualmente passavam mais de uma atividade, era comum que nas reuniões as atividades se misturassem.

Na semana anterior ao da visita realizada, os internos deveriam ler, a sua escolha, algum dos textos sobre o tema “Trabalho” indicado pelas estagiárias do módulo IV, e realizar uma resenha sobre o assunto. Dessa maneira, no dia 23 de novembro, 18 (dezoito) resenhas foram entregues às monitoras responsáveis. Desse total, 17 (dezessete) resenhas foram lidas perante o grupo naquele dia, uma delas o autor preferiu não ler. Sobre as demais resenhas, fui comunicado posteriormente que já haviam sido lidas na semana anterior.

A primeira resenha lida relatava uma experiência pessoal sobre os trabalhos realizados ao longo da vida daquele interno, sendo bastante destacado o trabalho na roça. Seguindo essa linha, outras resenhas foram confeccionadas considerando vivências individuais de trabalhos realizados fora do cárcere.

Outras resenhas tiveram temas específicos e também instigantes. Uma delas foi sobre o trabalho realizado pelo jurista Ruy Barbosa, que foi intitulado de “herói desarmado”. Tanto a escrita quanto a fala desse interno se mostraram impressionantes e, ao final da sua fala, revelou que gostaria de se tornar um advogado quando sair da prisão. A leitura foi tão marcante que cheguei a registrar em minhas anotações que o texto aparentava ter sido extraído de alguma fonte, mas meu preconceito foi derrubado com a fala também envolvente do interno.

O trabalho infantil foi destacado numa das resenhas, tendo sido mencionada a lei do menor aprendiz. O autor da resenha defendeu a importância do trabalho para o jovem trabalhador e que suas experiências pessoais foram boas em relação ao trabalho realizado quando era mais novo. O professor interveio perguntando como os outros internos enxergavam o trabalho infantil, se viam como vantajoso ou não.

Enquanto alguns apoiaram a importância do trabalho infantil, outros internos realizaram ponderações pertinentes: um deles afirmou que acredita ser prejudicial, pois quando criança estamos formando nosso caráter e devemos pensar em brincar. Outra fala realçou que o trabalho infantil era importante desde que não houvesse exploração. Além dessas, duas avaliações foram mais profundas. Uma enfatizou que o trabalho infantil é decorrência da falta de educação do governo e outra observou que a sociedade de consumo associada com a necessidade e a carência das famílias levavam crianças a quererem trabalhar, mesmo sabendo que serão mal remuneradas. Neste tópico do debate, o Professor Fábio encerrou dizendo que é necessária a busca do equilíbrio do trabalho, vez que deve existir tanto um papel educativo quanto um papel formador, levando em seguida todos a refletirem com o exemplo de um trabalho desgastante e o estudo à noite: “haveria neste caso qualidade no estudo ou alimentaria tão somente um elo de pobreza?”.

Ao longo das resenhas a Professora Rosemary chegou. Assim que um interno encerrou sua leitura e destacou a importância dos pais na educação dos filhos, visto que “a responsabilidade não é apenas do governo”, a professora afirmou que nós fazemos nossas escolhas, os pais têm influência, mas não as determinam.

Como dois internos não puderem comparecer por questões de saúde, suas resenhas foram lidas por outros participantes. Em uma delas, um texto muito bem escrito salientou como as transformações do trabalho acompanham as necessidades e desenvolvimentos da sociedade, a exemplo da existência do antigo regime escravocrata e a atual importância da mulher no mercado de trabalho.

Outra resenha lida que gerou diversas contribuições tratava do trabalho “dignificando o homem”, especialmente o trabalho realizado nas oficinas da PLB que ajudava no auxílio da renda familiar com a quantia recebida, na remição de pena e ainda na saúde mental dos internos. Essa fala gerou discussões acerca da necessidade de desenvolvimento da ética; porque é “difícil o trabalho honesto e sua baixa remuneração competir com o luxo proporcionado pelo mundo do crime”. Ainda nesse tópico, um participante destacou que o dinheiro na área do crime é importante, mas que status e poder dominam até “quando Jesus abre o olho da pessoa, e ela percebe que é, na verdade, um castelo de areia”.

Em um dado momento um participante asseverou que seria interessante se houvesse uma cota para ex-presidiário, o que foi apoiado por outros presentes. Por outro lado, um outro interno ressaltou que a ideia da cota é interessante, porém poderia também gerar um estigma em torno do cotista: “ah, sumiu uma caneta na minha sala, quem foi?”. A fala num tom descontraído provocou uma risada coletiva, mas também produziu reflexões, levando muitos a concordarem com tal posicionamento.

Uma exposição distinta descreveu os malefícios da falta do trabalho dentro do cárcere. O autor dessa resenha contou que desde quando foi preso, ele tem criado metas diárias para ocupar sua mente. Dentre essas metas, destacou a busca por conhecimentos variados e como forma de voltar a se sentir útil, além das leituras pessoais e do trabalho desenvolvido na penitenciária, ele tem dado aulas de inglês para outros apenados. Concluiu sua resenha dizendo que apesar de não estar no mundo, sente-se como parte integrante a partir do trabalho; explicou que como trabalha na produção de molduras, assim que elas forem vendidas, alguém lá fora será atingido positivamente com um produto criado por ele. Essa fala chama atenção, pois nos leva a perceber que mesmo tendo sido segregado pela sociedade, o interno ainda busca construir algum elo e laço de pertencimento através dos objetos que produz.

Após uma resenha retomar a discussão dos trabalhos prisionais exemplificando com a capinagem, a faxina e as oficinas, concluiu que além da remição alguns desses trabalhos são remunerados, o que ajuda na renda de muitas famílias. A partir disso, um interno acentuou que os direitos no cárcere eram cerceados, disse que “lei é lei, todos estão aqui porque



descumpriram leis, mas aqui dentro continuam descumprindo, pois todos deveriam ter acesso ao trabalho”. Muitos participantes concordaram, disseram que não é certo que nos módulos II e V não seja oferecido trabalho aos apenados, e a necessidade de ocupar a mente com o trabalho é tão grande que mesmo nesses módulos os internos aprendem artesanato uns com os outros. É interessante notar a percepção dos internos acerca do trabalho precarizado na unidade prisional, da violação aos seus direitos básicos e de como grupos empresariais se beneficiam com tudo isso.

Quando deu 15h00min, 7 (sete) resenhas sobre o trabalho não haviam sido lidas e, a fim de que todos pudessem participar, elas foram lidas de uma só vez, sem os costumeiros debates ao término de cada uma.

Curiosamente, um fato que chamou atenção foi que ao longo da reunião três internos não haviam seguido a atividade dos demais escrevendo sobre o “Trabalho”, eles realizaram a leitura de um resumo de livro e criaram um final diferente para a história. Esse estranhamento foi esclarecido ao final da reunião por uma das monitoras ao explicar que as atividades podiam se misturar, já que ocasionalmente passavam mais de uma atividade no mesmo encontro.

Realizadas todas as leituras, a Professora lembrou (a atividade já havia sido antecipada na reunião ocorrida em 16 de novembro) que no próximo encontro todos, exceto os três que já haviam lido, deveriam escolher um dos livros disponíveis na biblioteca do módulo IV, realizar um resumo e criar um final alternativo para a obra escolhida.

Além dessa atividade, a professora também entregou cordéis da autora Jarid Arraes que relatavam histórias de várias mulheres negras. Inspirados nas histórias das mulheres dos cordéis, os internos deveriam criar seus próprios cordéis a ser entregues no encontro do dia 07 de dezembro. Assim, a reunião foi encerrada.

### 3.3.2 Segundo Encontro com a Roda de Leitura: O Final Alternativo

Após conversa com a orientadora Tatiana Emilia, decidimos que seria mais interessante permanecer participando somente das reuniões de leitura do módulo IV, objetivando desenvolver uma identificação com o grupo.

No dia 30 de novembro de 2017, ocorreu a segunda visita ao projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias desenvolvido pela UNEB. Tratava-se da minha segunda visita, porém era o décimo encontro do grupo. Dessa vez, tanto o Professor Fábio quanto a monitora Vanessa não

puderam comparecer por questões de saúde. Assim, às 13h30min, eu, a Professora Rosemary e a monitora Larine nos deslocamos até a capela do módulo IV para iniciarmos a roda de leitura.

Nesta reunião, do total de 22 internos constantes na lista de presença, dois não puderam comparecer, pois estavam realizando atividades laborativas. Em relação às atividades, 15 internos leram diante dos demais, 03 internos já haviam lido na semana anterior, um interno que está em processo de alfabetização teve sua atividade lida por outro e outros 03 não fizeram a atividade.

Além da reunião do projeto de leitura, a partir das 17h00min haveria um sarau organizado pelos internos do módulo IV que simbolizava o desfecho do ano letivo do Colégio George Fragoso Modesto. Por isso, em decorrência dos preparativos para o sarau, alguns internos estavam preocupados com o horário, pois estavam auxiliando na organização.

Assim, apesar de terem sido 16 resumos de livros com os finais modificados, ocorreram poucos debates entre cada leitura. Dentre os livros disponíveis na biblioteca no módulo IV, foram escolhidos os seguintes:

- (1) Onde foi Parar meu Guarda-chuva? (Perlman, Alina);
- (2) A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água (Amado, Jorge);
- (3) Tininho, o Folgado (Bloch, Pedro);
- (4) O Amor e um Pássaro Selvagem (Tavares, Ildasio);
- (5) Uólace e João Victor (Strausz, Rosa Amanda);
- (6) O Sujeito ao Lado (de Magalhães, Carlos Eduardo);
- (7) Assassinato no Expresso do Oriente (Christie, Agatha);
- (8) Tio Pedro (Lessa, Origenes);
- (9) A Árvore que Dava Dinheiro (Pellegrini, Domingos);
- (10) A Escolha - Deixe seu Coração Decidir (Sparks, Nicholas. Tradução de The choice);
- (11) Cinco Minutos e a Viuvinha (Alencar, José de);
- (12) Clara dos Anjos (Barreto, Lima);
- (13) Os Restos Mortais (Sabino, Fernando);
- (14) A Moreninha (Manuel de Macedo, Joaquim);

(15) A Sopa de Pedra (Lima, Edy);

(16) Quando as Aves se Amam (Niskier, Arnaldo).

O primeiro resumo referente ao livro “Onde foi parar meu guarda-chuva?” foi lido pela professora, vez que o interno estava com problema na garganta. As leituras seguintes dos resumos e finais sugeridos ocorreram sem intervenções dos outros internos após as leituras, embora a professora estimulasse a participação.

O participante que confeccionou o resumo do livro “Uólace e João Victor”, ainda leu a obra *Ilíada*<sup>66</sup>. Para este livro, ele fez um breve resumo e sugeriu um título alternativo – “A mulher que Destruiu Dois Exércitos”.

Somente com leitura do sexto livro (“O Sujeito ao Lado”) ocorreram debates entre os participantes. O final alternativo criado pelo interno foi muito criativo e elogiado pelos demais. Um outro interno disse que já havia lido aquele livro e se impressionou com a interpretação feita por seu colega, contou ainda que o livro o remetia ao momento da sua chegada à penitenciária: “lembra quando chegamos aqui, pois o mundo passa e ninguém nos vê”. A Professora interveio asseverando que se tratava de um gênero literário chamado realismo fantástico, mencionando outras obras nas quais estavam presentes as mesmas características. A Professora concluiu sua fala indagando se “a gente tem mais medo de ser esquecido ou de morrer?”.

Dois internos, então, disseram que tinham mais medo de ser esquecidos, sendo que um deles utilizou a obra “*Ilíada*” como exemplo, contando que Aquiles também não queria ser esquecido, ele preferiu morrer numa guerra e ser lembrado pela eternidade a morrer mais velho e ser esquecido. O outro interno relatou o nascimento de sua filha como forma de ser lembrado após seu falecimento.

Outro momento que gerou maior participação dos internos foi com a leitura do resumo do livro “A Árvore que Dava Dinheiro”. O final sugerido pelo participante do projeto foi aplaudido pelos demais internos. Ele sugeriu que a árvore deixasse de dar dinheiro, o que gerou prejuízos à cidade onde localizava e passasse a dar livros, crônicas e todos os tipos de textos, de modo que a cidade se tornasse um polo cultural.

O décimo sexto livro (“Quando as Aves se Amam”) ficou em mãos do interno que estava em processo de alfabetização e também não estava presente na reunião. Por isso, o resumo do

---

<sup>66</sup> Tradução de Luiz Antonio Aguiar.

livro foi lido por outro interno que ajudou tanto na confecção do resumo e do final alternativo quanto na leitura do livro.

Encerradas as leituras, a Professora passou uma caixinha a cada interno para que retirasse um papel e procedesse a leitura de pequenas frases. Em verdade, tratavam-se dos famosos “trava-línguas”. As leituras desses textos criaram um clima ainda mais descontraído entre os participantes. Finalizou a reunião lembrando a atividade dos cordéis proposta na semana passada, bem como passou uma outra atividade que consistia na construção de um texto de no máximo 65 palavras para seguirem o modelo trava-línguas ou até mesmo brincarem com as palavras relatando uma história já conhecida de forma breve.

### 3.3.3 Noite de Festa – VI Sarau Literário do Colégio George Fragoso Modesto

Ainda na visita do dia 30 de novembro, estava programado o sarau que simbolizava o encerramento do ano letivo do Colégio. O evento foi intitulado “VI Sarau Literário do Colégio George Fragoso Modesto”.

Encerrado o encontro de leitura daquela data às 15h30min, os internos foram finalizar os últimos preparativos e eu, juntamente com a Professora Rosemary e a monitora Larine, voltamos para o Colégio, onde nos encontramos com a equipe atuante no módulo I. Ao lado de fora do Colégio, nós ficamos conversando enquanto diversos professores e professoras foram chegando para participar do evento.

Antes de subirmos ao módulo I, local onde ocorreria o sarau, carinhosamente algumas professoras da Escola nos convidaram para uma pequena confraternização regada a salgadinhos e refrigerantes numa das salas do Colégio. Foi um momento de extrema descontração e integração.

Perto das 17h, subimos em direção ao módulo I. Ao passarmos pela recepção, em vez de adentrarmos no módulo, dirigimo-nos até um pátio que é utilizado como local de visita dos internos. Era um lugar conhecido por mim, eu já havia estado lá há cerca de dois anos. O pátio possui uma grande área, alguns bancos de alvenaria localizados no centro e o chão era parte de cimento e outra parte de terra batida. Entretanto, para a surpresa de todas as pessoas, assim que atravessamos o portão que dava acesso ao pátio, deparamo-nos com um ambiente completamente modificado.

Um dos internos custodiado no módulo IV é arquiteto e, com ajuda de outros apenados, ele produziu um projeto arquitetônico que transformou aquele lugar. Logo na entrada havia um grafite escrito “paz” com letras coloridas. Esta palavra dava início ao caminho de um chão branco com pneus coloridos colocados nas duas margens. Acima das nossas cabeças, havia várias lâmpadas amarelas que iluminavam o trajeto de forma encantadora. Ao caminhar pelo pequeno percurso, chegávamos até um palco montado com caixas de som e instrumentos musicais. Como se não bastasse, atrás do palco uma outra arte foi gravada na parede, era um grafite representando a natureza a partir de árvores, aves voando e um lindo pôr do sol. Ao lado da paisagem estava escrito mais uma vez: “Paz”.

O Sarau era conduzido por um interno apresentador que trabalhava com comunicação antes de ser preso. Por sua vez, os internos que eram músicos ficaram em cima do palco, enquanto os demais se sentaram em frente com papéis em mãos em que estavam escritos o roteiro da festa. Atrás dos internos estavam os convidados distribuídos em cadeiras plásticas, bancos de alvenaria ou em pé. Feita a abertura do evento, o apresentador passou a palavra para o interno Orlando<sup>67</sup> que teceu alguns comentários e agradecimentos. Orlando afirmou que um espaço como aquele servia para preencher as lacunas deixadas pelo sistema prisional. Agradeceu ao grupo de leitura da UNEB, pois para ele era muito importante o acesso à leitura que muitos sequer tinham lá fora. Concluiu, antes de chamar ao palco dois cordelistas, dizendo que “conhecimento é poder e educação é a base de tudo”.

Dando continuidade à festa, dois internos recitaram incríveis cordéis retratando a história do Brasil sob a ótica política e social. Em seguida, ao som de batuques, Orlando pegou o microfone e estimulou a todas as pessoas ali presentes a cantar junto com ele um clássico do reggae baiano: “Lute”, do cantor e compositor Edson Gomes.

Ao término do reggae, foi a vez das internas convidadas diretamente do Conjunto Penal Feminino recitarem poemas de Beatriz Nascimento, que na descrição do professor Alex Ratts foi uma “mulher, negra, nordestina, migrante, professora, historiadora, poeta, ativista, pensadora”<sup>68</sup>. As mulheres vestidas com indumentárias de inspirações africanas deixaram uma mensagem de resistência negra e luta contra o racismo.

Orlando novamente assumiu o comando da festa e de pronto gritou: “Retirante ruralista!”. Apresentou, então, a música “Revolta Olodum” como sendo o principal hino da banda baiana.

---

<sup>67</sup>Nome fictício de um dos internos entrevistados nesta pesquisa.

<sup>68</sup> RATTIS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Disponível em: <<http://bit.ly/2phgk5u>>. Acesso em: 02 de dez. 2017.

Logo a percussão arrepiava a todos os espectadores, Orlando com o microfone em mãos percorria entre as pessoas estimulando que também cantassem junto com ele. Vozes, danças e sorrisos invadiram de vez a celebração, especialmente quando se formava um forte coro que ecoava: “Ô, Corisco, Maria Bonita mandou te chamar!”. Só em escrever as lembranças, as emoções são novamente revividas.

Posteriormente, após um interno recitar um poema de sua autoria intitulado “Miscigenação”, a música “Ilha de Maré” (composição de Walmir Lima) foi tocada pela banda. Na sequência, os versos e a literatura de cordel mais uma vez abrilhantaram a festa, até mesmo a teoria darwinista foi alvo de dois cordelistas que brincavam com as palavras de maneira muito natural.

Outras duas músicas foram tocadas sequencialmente. Uma delas foi “Tempo Perdido”, composição de Renato Russo; e outra foi “A Paz”, canção que ficou conhecida com banda Roupas Nova, trata-se de uma composição de Nando (músico do Roupas Nova) inspirada na música Heal the World, interpretada por Michael Jackson.

Ainda teve espaço para música internacional, o sucesso dos Beatles da década de 60: “Help”. Antes da apresentação dessa canção, Armando<sup>69</sup> recebeu aplausos dos presentes, pois vem ensinando inglês a outros internos do módulo IV em seu tempo livre.

As belíssimas apresentações se encerraram com duas músicas de cunho mais religioso: “Jesus Cristo” e “O Escudo”, composições do cantor Roberto Carlos e do pastor Carlos Moisés, respectivamente. Todas as pessoas presentes se levantaram para aplaudir de pé. Ao final, foram distribuídos salgadinhos e refrigerantes aos internos que após alguns minutos de conversa e cumprimentos, despediram-se ainda entusiasmados.

### 3.3.4 Terceiro e Último Encontro do Ano de 2017 com a Roda de Leitura: Congratulações

Por motivos pessoais não pude comparecer ao encontro de leitura da semana anterior (07 de dezembro de 2017), no qual, segundo a monitora Larine, ocorreu a leitura dos cordéis e dos trava-línguas. Além disso, também passaram as últimas atividades do ano de 2017, que consistiam na elaboração de um texto sobre o trabalho que eles desejavam realizar para o futuro, bem como, facultativamente, deveriam escrever um retorno sobre o que acharam do curso.

---

<sup>69</sup> Nome fictício de um dos internos entrevistados nesta pesquisa.

Nesta reunião (14 de dezembro) estavam presentes 19 internos, vez que o interno Ângelo<sup>70</sup> havia sido transferido de unidade e outros dois não sabemos o motivo. Como neste dia o objetivo principal era realizar o encerramento do curso em relação ao ano de 2017, foram confeccionados 22 certificados de participação a ser entregues aos participantes.

Havia dois tipos de certificados assinados pelo Departamento de Educação (DEDC) da UNEB e pela Coordenadora do Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão (NUPE), campus I - Salvador, da Universidade do Estado da Bahia. Eram quatro certificados destinados aos internos que participaram como monitores, cuja certificação compreendia o período de 01 setembro a 14 de dezembro com carga horária total de 80 horas. Os demais internos receberam uma certificação que compreendia o período de 14 de setembro a 14 de dezembro com carga horária total de 60 horas.

Antes da entrega dos certificados, os textos sobre o trabalho foram lidos brevemente pelos internos, tendo a maioria se restringido às atividades laborativas desempenhadas no presente e no passado.

Dos internos entrevistados por esta pesquisa, Orlando<sup>71</sup> declarou que sonha em se tornar um roteirista. Sua fala foi a mais longa da última roda de leitura do ano, ele fez um resumo dos personagens, novelas, longas, filmes, sagas e séries que o marcaram e influenciaram seu interesse pela escrita.

Armando<sup>72</sup>, por sua vez, destacou a “arte como trabalho” e a importância da valorização do trabalho manufaturado, pois se trata de um produto único. Ele enxerga o trabalho manufaturado como uma alternativa para o futuro profissional.

O participante M.R.O.T.<sup>73</sup> contou para o grupo de leitura que foi auxiliar de topografia e técnico de cartucho. Suas pretensões para o futuro são montar seu próprio negócio e ser um pregador da palavra de Deus.

Mário<sup>74</sup> teve seu texto lido por Armando. A narrativa abordou um breve resumo da sua trajetória de trabalho e ao final revelou o que ele mais gosta é do mato, por isso gostaria de trabalhar novamente na roça assim que puder.

---

<sup>70</sup> Nome fictício de um dos internos entrevistados nesta pesquisa.

<sup>71</sup> Nome fictício de um dos internos entrevistados nesta pesquisa.

<sup>72</sup> Nome fictício de um dos internos entrevistados nesta pesquisa.

<sup>73</sup> Iniciais do nome de um dos internos entrevistados nesta pesquisa. Por questões religiosas preferiu que não fosse criado um nome fictício, solicitando que fossem colocadas suas iniciais.

<sup>74</sup> Nome fictício de um dos internos entrevistados nesta pesquisa.

Após as leituras, a Professora Rosemary passou uma caixinha com trechos soltos de uma poesia intitulada “Versos da Saudade”, de autoria do grupo Em Canto e Poesia. Em seguida, a professora declamou os Versos da Saudade na íntegra e, ao final, agradeceu a todos os internos presentes pelas “tardes de quintas que foram altamente prazerosas e de aprendizagem”.

Os certificados foram, então, entregues dentro de uma pasta junto com um chocolate, um pequeno poema e um caça-palavras. Os internos também prepararam surpresas para os professores e monitoras do projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias; para cada um, eles confeccionaram uma arte em forma de mosaico. Os participantes ainda criaram um mosaico especialmente para a Universidade do Estado da Bahia que ilustrava um homem segurando um balão flutuando, tal presente estava acompanhado com uma mensagem assinada por todos os participantes do projeto: “Obrigado pelo passeio além muros”. Com os presentes entregues, todas as pessoas desfrutaram de salgados e refrigerantes levados pelas professoras da UNEB.

Antes de irmos embora, pedi autorização ao interno Filomeno<sup>75</sup>, cordelista de 66 anos de idade e participante do projeto de leitura, para transcrever o cordel criado por ele para o último encontro do ano:

Eu vejo neste projeto  
Profunda sabedoria  
Promovendo a nós, internos  
Uma modesta euforia,  
Não vai tornar-se comum  
E espero não ser mais um  
Só para a fotografia

Que resultado teria  
Em todos participarem?  
Os membros desta bancada  
Depois de avaliarem  
Observarem o sucesso  
Mas, o esforço, o progresso  
Os magistrados negarem

As promessas de justiça  
São como um membro postiço  
Não gostaria de ouvir  
Um comentário maciço,  
Colegas se lamentando  
Um para o outro falando  
Pra que fui me meter nisso?

Seria bom enxergarem  
A nossa realidade  
Pra ver que fazemos muito  
Porém, a triste verdade,  
É que não há prisão para o nobre  
Só pegam o preto e o pobre

---

<sup>75</sup> Nome fictício.



Pra mofar atrás da grade

Eu parabenido esta equipe  
Pelo muito que ela fez  
Não sei se no ano novo  
De novo a vejo talvez  
Que gente desse quilate  
Feliz quem ver uma vez

Aproveitando o ensejo  
Quero a todos agradecer  
Um belo e feliz natal,  
Luz e paz em cada lar  
E ainda faço um apelo  
Com amor, afeto e zelo  
Que voltem a nos encontrar

Filomeno – 14 de dezembro de 2017

O cordel transcrito contempla parte das percepções, angústias e satisfações também descritas nas entrevistas concedidas por cinco internos participantes do projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias.

## **4 OLHARES INTRAMUROS: A EDUCAÇÃO NA VISÃO DO SUJEITO ENCARCERADO<sup>76</sup>**

### **4.1 Orlando Gomes Luz<sup>77</sup>, 45 Anos, Negro, Ensino Médio Incompleto**

Ser um estudante é muito gratificante, porque você volta no tempo [...] É um momento que você acaba esquecendo que tá preso.

Após as celebrações do VI Sarau Literário do Colégio George Fragoso Modesto, conversei com alguns internos previamente escolhidos de acordo com o objetivo deste trabalho e perguntei se eles aceitavam ser entrevistados. Orlando Luz concordou prontamente com meu pedido, afirmando ainda que possuía um material que acreditava ser muito relevante para a pesquisa.

Assim, conforme combinado, na manhã do dia 04 de dezembro de 2017 dirigi-me até a recepção do módulo IV, onde me apresentei como pesquisador para um agente penitenciário de plantão. Como iria utilizar um gravador de voz ao longo das entrevistas, precisei da autorização do chefe de segurança para adentrar com o material.

Acompanhado pelo mesmo agente penitenciário que recepcionou, fomos até a grade que dava acesso às celas, tendo o agente solicitado a outro interno que chamasse Orlando. Esperamos por alguns minutos até que ele apareceu utilizando uma calça e camisa azuis, além de carregar uma pasta e diversos papéis empilhados. O agente, então, abriu a grade e Orlando me cumprimentou de maneira cordial com um largo sorriso.

Orlando é um homem negro com 45 anos, avô, de estatura baixa, cabelo curto, natural de Aracaju/SE, ex-auxiliar administrativo, possui o ensino médio incompleto e ainda é detentor de um sotaque sergipano bem realçado. Nos encontros das rodas de leitura do projeto da UNEB se destacava com intervenções mais longas. O entrevistado foi também o responsável pela condução do Sarau.

A princípio, iniciamos nossa conversa naquele mesmo ambiente. Entre a recepção do módulo IV e a grade que dá acesso às celas existem algumas cadeiras e mesas escolares encostadas numa parede. Depois de ajeitarmos duas cadeiras e uma mesinha, iniciei um diálogo prévio lembrando sobre o que a pesquisa se tratava, quais eram os objetivos seus objetivos, o

---

<sup>76</sup>O conteúdo das entrevistas pode ser lido na íntegra na parte dos anexos.

<sup>77</sup>Nome fictício utilizado com o propósito de preservar a identidade do entrevistado.

porquê da sua escolha e também li o termo de consentimento livre e esclarecido (documento que compõe os anexos).

Ainda durante a conversa prévia, antes de começarmos a gravar, em decorrência da grande movimentação do local (havia alguns internos e funcionários do módulo conversando alto naquele horário) resolvemos ir até o Colégio e pedirmos uma sala reservada. Como Orlando é da “farda azul”, ele possui autorização para transitar nas áreas ao entorno do módulo.

Chegando ao Colégio, a Vice-Diretora Janete nos recebeu e autorizou nossa entrevista na sala de informática, uma sala ampla com diversas cadeiras ao centro e computadores voltados para a parede.

De todos os entrevistados, Orlando foi o que se mostrou mais comunicativo, proporcionando um encontro com duração de cerca de duas horas (somando a conversa prévia e a entrevista propriamente dita). Além da expansividade, o bom humor também esteve bastante presente.

Logo no início da entrevista, ao pedir para que Orlando contasse um pouco mais sobre sua história de vida, ele enfatizou que não veio de uma “vida criminal”, mas que um “fato isolado” o levou à prisão. Antes do cárcere, chegou a iniciar os estudos no terceiro ano do ensino médio, mas não o concluiu. Trabalhava numa repartição pública no Departamento de Imprensa e Divulgação da Assembleia Legislativa de Sergipe, onde havia uma produtora chamada TV ALESE.

Nessa Produtora, Orlando teve algumas funções. Começou como auxiliar administrativo, servindo cafezinho para outros funcionários, e aos poucos foi crescendo até se tornar adjunto de gabinete. Foi a partir daí que começou a criar pautas jornalísticas para os programas da emissora. Chegou até mesmo a criar um pauta para uma jornalista da Central Brasileira de Notícias (CBN) dentro do sistema prisional.

O “fato isolado” mencionado que o levou à prisão foi posteriormente revelado, ele relatou que, além de trabalhar na repartição pública, fazia parte de uma comissão técnica de um time de futebol sub 15 e sub 17. Durante uma viagem ao município de Esplanada/Bahia em abril de 2012 com a equipe de futebol, ele se envolveu em “brincadeiras” com alguns meninos.

Essas “brincadeiras” consistiam na prática de atos libidinosos que acarretaram na expedição de um mandado de prisão dois meses após o fato e, conseqüentemente, na sua condenação pelo delito de estupro de vulnerável.

Preso há cerca de seis anos, Orlando também nos contou que desde que ingressou no sistema prisional, sempre buscou ocupar sua mente de alguma maneira, pois segundo ele, “quando você vem pra cadeia simplesmente você para, você fica estagnado”. Por isso, ele desenvolveu o hábito da escrita como forma de mitigar os efeitos nocivos do cárcere.

Durante o período de reclusão, Orlando passou por diversas unidades prisionais. A primeira delas foi no próprio município de Esplanada/BA no ano de 2012. Em seguida, foi transferido para o Complexo Lemos Brito, onde já esteve preso na Cadeia Pública, no COP, no módulo I e atualmente cumpre pena no módulo IV. Em todas essas unidades ele afirmou que houve diferentes histórias, pessoas e fatores. Entretanto, uma marca em comum também foi deixada em cada uma delas: a paixão pela escrita.

Ainda na unidade prisional de Esplanada no ano de 2013, Orlando, como maneira de aliviar a realidade em que estava inserido, começou a escrever histórias ou, como ele prefere chamar, começou a escrever suas obras. Na realidade, os trabalhos produzidos representam um conteúdo pensado para a criação de telenovelas.

Pouco tempo antes de ser transferido para o Complexo Penitenciário Lemos Brito, Orlando enfrentou uma rebelião na unidade de Esplanada, onde viveu momentos aterrorizantes. Lá precisou salvar sua própria vida fugindo do fogo que outros internos ateavam. Por sorte, também havia detentos que jogavam água na tentativa que o fogo não se alastrasse. Em meio ao desespero, Orlando só pensava em proteger a si, sua obra e um radinho que escutava música evangélica enquanto escrevia durante as madrugadas.

Transferido em novembro de 2013 para o Complexo da Mata Escura, Orlando ficou alguns meses preso na Cadeia Pública. Nesta, ele narrou que além de não existir a atuação do Colégio, não era permitida sequer a entrada de livros, cadernos ou canetas. Ao relatar todas as vedações impostas, Orlando disparou uma pergunta etórica crítica: “como é que você vai mudar o interno dessa forma?”.

Como se não bastasse, sua obra intitulada “Desafios”, que já contava com 900 páginas e que levou 2 anos para ser elaborada, foi descartada. Isso ocorreu porque na Cadeia Pública existiam as proibições mencionadas, a Administração Penitenciária deu um prazo para que o material de Orlando fosse retirado por sua família. Entretanto, como sua família não reside em Salvador, tudo acabou sendo rejeitado, ocasionando um dos momentos mais deprimentes de Orlando no sistema prisional.

Felizmente, Orlando conseguiu se reerguer. Ele começou a fazer parte da faxina e, ao ganhar a confiança dos agentes penitenciários e argumentar sobre a dificuldade de receber visita sendo sua família de outro estado, ele conseguiu convencer o chefe de segurança da Cadeia Pública a permitir a entrada do material para que ele voltasse a escrever.

No mês de fevereiro de 2014, Orlando foi novamente transferido, desta vez para o COP. Lá continuou exercendo as funções de faxineiro e escritor. Às vezes passava 5 horas durante a noite escrevendo sentado num balde de margarina mesmo após um dia inteiro de trabalho. Contou-nos que no COP pôde ficar recolhido numa cela individual. Além disso, no ano de 2015 teve a chance de fazer o ENEM. Foi nesse período que Orlando sugeriu a criação de aulas dentro do sistema prisional, projeto que foi posto em prática. A aula inaugural foi ministrada pelo Professor e então Secretário de Cultura Jorge Portugal<sup>78</sup>.

Ter auxiliado no projeto dos aulas é visto por Orlando como sua principal ação no tocante à educação prisional, mesmo porque eles foram difundidos para outras unidades. Mas essa não foi sua única iniciativa, pois ainda no COP sua luta pela educação perdurou. Percebendo que muitos internos só liam a Bíblia, ele também ajudou na criação de uma biblioteca para aquela unidade. Com o espaço definido, os diretores conseguiram doações de livros e Orlando se tornou o monitor responsável pelo controle da distribuição dos livros aos internos.

Ao recordar do período como monitor da biblioteca do COP, Orlando falou com muito orgulho. Afirmou que o prazo de retirada dos livros costumava ser descumprido, porque “na verdade, a cadeia ela tira, ela tem um poder tremendo de entrar na sua mente”. Mesmo com o psicológico aparentemente equilibrado, reiteradamente o ambiente prisional acarreta momentos de extrema fragilidade e solidão. Ao recomendar os livros, estimulando a leitura dos outros internos, fortalecia a si próprio e aos demais.

No ano seguinte (2016), durante uma reunião com os integrantes da SEAP, Orlando foi convidado para cumprir sua pena no módulo I da PLB, vez que o possibilitava ter acesso ao Colégio e às atividades laborativas. Apesar dessas melhorias, também sentiu desconforto quando chegou ao módulo I pois, diferentemente do COP, precisou dividir cela e o chão com outros três internos. Recordou-se que em 07 de outubro ocorreu sua transferência e imediatamente matriculou-se no Colégio George Frago Modesto.

---

<sup>78</sup>ANDRADE, Paloma. Jorge Portugal ministra aula para detentos que vão participar do Enem 2015. **Metro1**, Salvador, 07 nov. 2015. Disponível em: <<http://metro1.com.br/noticias/cidade/7910,jorge-portugal-ministra-aula-para-detentos-que-vaoparticipar-do-enem-2015.html>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

Somente no dia 4 de janeiro de 2017 Orlando foi transferido para o módulo IV. Em decorrência do período de férias do Colégio e por seu material de escrita ter ficado provisoriamente no módulo I, ele passou mais uma vez por um período do cárcere sem acesso à Escola, aos livros e afastado da sua obra. Após uma semana, devolveram seus pertences; decorridos 15 dias, resgatou sua criatividade e retomou a elaboração de sua obra com o intuito de finalizá-la.

Com o começo do ano letivo do Colégio em 2017, Orlando iniciou os estudos no eixo VII – o último eixo. Relatou que tem uma excelente relação com os professores, vez que além da atenção e paciência, eles compreendem as peculiaridades dos estudantes encarcerados. Para Orlando, se existisse uma cobrança excessiva para os discentes muito provavelmente seriam desestimulados ainda mais.

O entrevistado também enxerga como positivas as atividades propostas pelo Colégio, especialmente as que são passadas para a realização nas próprias celas ou, como ele prefere chamar, nas casas provisórias. Ao finalizar esta fala, ele disse: “queria Deus que toda unidade tivesse um Colégio”.

Orlando destacou que ser um leitor é como voltar no tempo e muitas vezes esquecer que está preso. Segundo ele, praticar a leitura dentro da penitenciária é muito gratificante, pois permite o aprendizado de assuntos que fora dos muros do cárcere não foi possível. Paradoxalmente, para ele, a prisão abriu alguns horizontes, sobretudo porque lhe permitiu o hábito da leitura e o acesso a livros com os quais se identifica. A leitura veio, portanto, como uma necessidade para ocupar sua mente. De maneira descontraída, enfatizou que sem ela não estaria nem dando entrevista.

No tocante ao Projeto Leitura e Escrita - Ações Libertárias, Orlando se mostrou muito surpreendido. Acreditava que o projeto consistiria tão somente na leitura de livros e confecções de resumos e resenhas. Todavia, relatou que as rodas de leitura extrapolaram seu pensamento inicial. A cada encontro se sentia mais estimulado a criar novos textos e a expor seu ponto de vista sobre variados assuntos. Contou com entusiasmo a possibilidade de ouvir histórias de outras pessoas e que algumas vezes se emocionou com as narrativas.

Os debates vivenciados por Orlando durante o projeto de leitura repercutiram até mesmo na elaboração de uma das suas obras para telenovelas, vez que ao escutar pontos de vista diversos dos demais internos e da Professora Andréa sobre uma determinada cena que escreveu, ele resolveu alterar o final anteriormente proposto. Nas palavras dele “nós como escritores não

podemos simplesmente colocar aquilo que tá no nosso coração, precisamos saber o que as pessoas pensam. E foi isso que eu lancei, eu peguei o que a professora falou”.

Ao ser indagado a respeito de alguma melhoria que pudesse ser aplicada ao projeto, Orlando simplesmente continuou a tecer elogios à equipe responsável, afirmando que esta era bastante preparada e que desempenhava um “trabalho muito essencial”. Ressaltou, porém, ao final da entrevista que deveriam aumentar o número de vagas para outros internos e ampliar o projeto para outras unidades. Além disso, sugeriu também a diversificação dos livros hoje disponíveis na biblioteca do módulo IV, devendo existir mais livros tratando por exemplo de histórias de superação e temas jurídicos.

Sobre a possibilidade de obter a remição de pena pela leitura, Orlando disse que a remição é necessária para estimular outros internos a buscar leitura, pois através desta o caráter de cada um também é construído. Criticou ainda que muito se fala em ressocialização e remição, mas que são poucas as oportunidades que realmente se oferecem. Quando os demais internos perceberem que a remição pela leitura é real, o estímulo ocorrerá.

Ao final da entrevista, Orlando descreveu o conteúdo das suas obras e leu alguns trechos de uma delas. Uma obra já está finalizada e se chama “A Testemunha”. Esta conta com 900 páginas, 190 capítulos, 61 personagens oficiais, 39 personagens no elenco de apoio e atualmente está protegida com uma pessoa da confiança de Orlando fora da cadeia.

A obra de ficção “A Testemunha” traz como enredo central uma disputa pelo poder envolvendo o vice-presidente de uma multinacional que ambiciona tomar a presidência para si. Para atingir seus objetivos, o vice-presidente em coautoria com seu filho e um dos diretores da empresa sequestram os filhos do presidente. O plano é que, após o pagamento do sequestro, o valor das ações caia e o presidente empobreça. Além deste conflito, “A Testemunha” aborda outras temáticas a exemplo da prostituição infantil e o uso das drogas.

Por sua vez, Orlando também é autor da obra “Desafios”, que precisou ser completamente reescrita após o descarte ocasionado pela transferência de módulos. Em fase de conclusão, a obra já possui mais de mil páginas e 203 capítulos escritos. Dois estoques da obra estão com a mesma pessoa da confiança de Orlando e o terceiro, apresentado durante a entrevista, está em processo de conclusão.

Orlando cuidadosamente pegou as folhas de ofício brancas empilhadas e me apresentou como ele faz a estruturação da obra. Ele utiliza três cores diferentes de caneta: a preta é usada na apresentação do título e subtítulos dos capítulos; a azul representa as falas dos personagens

e a vermelha simboliza os comentários do narrador indicando as ações dos protagonistas e coadjuvantes.

Em um dado momento da entrevista, Orlando leu na íntegra o resumo da sua obra *Desafios*:

**Quadro 1 – Resumo da Obra “Desafios” de autoria do entrevistado**

O resumo da obra é assim - vocês vão conhecer a história de Seu Osório e sua família, eles são moradores da pacata cidade de Sossego da Ribeira e a trama conta a história da família Silveira que, em meio às dificuldades da zona rural, obriga o chefe da casa a deixar o campo e ir para a cidade grande em busca de trabalho. Visando dar uma vida melhor para família que vive da agricultura e da pecuária, ele parte então deixando toda a responsabilidade da casa nas mãos do filho mais velho, um jovem que procura fazer tudo conforme o que o pai ordenara, porém a imaturidade do jovem em meio aos desafios de administrar a casa, a propriedade e os conflitos que vão surgindo ao longo do tempo o fazem fracassar. Ele vê o irmão mais novo que ele, ainda adolescente, após uma discussão, sair de casa para viver uma vida marginal morando escondido em um cabaré. Em seguida a irmã mais jovem que ele, ao ver as dívidas e a fome bater à porta da casa, se vê obrigada a ir trabalhar na casa de um fazendeiro tirano e mulhengo que tem um grande problema de ordem familiar com uma filha mais nova, que por rebeldia e desobediência sai de casa e vai se parar no cabaré, onde passa viver escondida fazendo programas. Cabaré esse, onde o próprio pai, o fazendeiro, tem um caso com a quenga chefe da casa. Na associação de agricultores da localidade, cujo presidente é o seu Osório, aquele mesmo que viajou à cidade grande em busca de trabalho, lembra? Os associados reúnem-se para deliberar a compra de máquinas e implementos agrícolas para trabalhar melhor a terra. E, ao analisar os recursos disponíveis na conta da associação, descobre-se um rombo milionário na conta da associação, o que deixa a população da pequena cidade de Sossego da Ribeira de cabelo em pé. Começa, então, uma busca incessante pelo ordinário que teria feito tamanha crueldade com povo da roça e, na mira da Polícia, está o Seu Osório que é o atual presidente da associação e que viajou para a cidade grande sem deixar rastros e nem contatos. Como se não bastasse todos os problemas, o juiz local tira os filhos de Gildo, tio de Luiz e irmão de Osório. Gildo é um cachaceiro e preguiçoso que, após ver a esposa cansada de tanto sofrimento por causa da cachaça dele ir embora de casa, agora perde a guarda dos filhos por denúncia de abandono e maus-tratos. Gildo, que é um analfabeto de carteirinha, vai em busca de socorro no sobrinho inteligente e determinado, Luis, o filho de Osório, a fim de que Luis o ajude a tirar os filhos que foram levados e deixados em um abrigo da cidade. Além de todos os problemas que já tem para resolver na família, Luis ainda tem que lidar com o amor desagradável e possessivo da Professora Suzana, ela que é completamente apaixonada por ele e não medirá esforços para viver o seu grande romance. O que ela não sabe é que o coração desse caipira bate mais forte pela enfermeira Laura e os dois, Laura e Luis, terão que travar uma batalha ferrenha para ficarem juntos, já que o ex da enfermeira promete não dar tréguas ao casal de apaixonados. Em meio a tantos acontecimentos, o jovem Luis decide deixar a roça e ir para a cidade grande procurar o pai para que o pai prove a inocência dele e coloque ordem na casa. Mas será que ele terá mesmo coragem de deixar tudo na roça que está sob a responsabilidade dele para enfrentar as armadilhas da cidade grande? Você também vai querer saber como é que ele vai passar por esses desafios? Armação, romance, aventura e muita emoção na nova trama de “Orlando Luz”, você não vai querer perder esses desafios.

Fonte: Entrevista com Orlando Gomes Luz

A obra acima retratada traz parte da experiência social a qual Orlando estava inserido antes do cárcere. Durante sua adolescência trabalhou na roça e daí surgiu a inspiração para escrever sobre o trabalho manual na confecção da farinha e do manufaturamento do fato. Há um trecho da história que gerou uma certa emoção ao ser mencionado, pois aborda um reencontro de uma das personagens com seu pai biológico, reproduzindo o reencontro que o próprio Orlando teve com seu pai biológico antes de ser preso.

De acordo com Orlando, hoje sua obra “A Testemunha” já foi apresentada para duas emissoras de televisão. Por intermédio de um Bispo ligado à Igreja Universal chamado Sérgio,



seu trabalho foi apresentado à Record. Além desta, através de um jornalista da CBN, o SBT também demonstrou interesse na compra dos direitos autorais. Ambas as emissoras televisivas aguardam a breve saída de Orlando do regime fechado para que possam iniciar as negociações.

#### **4.2 Armando Silva Dias<sup>79</sup>, 36 Anos, Branco, Ensino Superior Completo**

Eu tive que achar caminhos para sobreviver. E um dos caminhos, sem dúvida, acho que é a leitura

Assim que a entrevista com Orlando foi encerrada, dirigi-me até a área livre em uma das oficinas de trabalho da PLB destinada aos internos “fardas azuis”, local onde Armando desenvolve sua atividade laborativa. Nós também já havíamos conversado durante o Sarau, quando combinamos a possibilidade de um novo encontro.

No horário que o encontrei, Armando estava no intervalo para descanso conversando com outros internos. Quando me viu, cumprimentou-me gentilmente e propôs que conversássemos num local mais reservado. Aos 36 anos, Armando é natural de Salvador/BA, branco, alto, magro, solteiro e pós-graduado. Mostrou-se muito simpático e participativo ao longo dos encontros nas rodas de leitura, inclusive era um dos quatro monitores internos que auxiliavam a equipe do projeto.

Em nossa conversa prévia, Armando estava muito preocupado com o sigilo dos dados pessoais e também com o conteúdo da pesquisa. Somente autorizou conceder a entrevista após a leitura do termo de consentimento livre e esclarecido, bem como ter uma noção breve do que poderia ser perguntado. Pediu expressamente que não fosse mencionado nada relacionado ao fato delituoso que gerou sua condenação nem fosse pormenorizado informações acerca da sua formação profissional. Por isso, esta entrevista, diferentemente da anterior, foi mais célere e concisa. A maneira como o entrevistado se portou ao longo do diálogo representou um desafio para aplicação da técnicas nos moldes da entrevista semidiretiva, pois as suas restrições inibiram a fluidez da elaboração de novas perguntas e também das respostas apresentadas.

Com sua autorização, iniciamos a entrevista num local bem inusitado. Como estávamos na chamada área livre num dia quente, pegamos duas cadeiras de plástico e colocamos embaixo de uma árvore. Assim, ao som do vento, dos pássaros e de algumas máquinas utilizadas por uma das empresas instaladas na PLB, nós começamos a gravação.

---

<sup>79</sup>Nome fictício utilizado com o propósito de preservar a identidade do entrevistado.

Armando representa uma esmagadora minoria que compõe o sistema prisional, sendo um apenado branco, pós-graduado e oriundo de uma família privilegiada economicamente. Desde que foi preso em São Paulo/SP, Armando foi orientado a buscar meios para remir sua pena. Na capital paulista ele conseguiu diminuir sua pena, vez que lá a remição pela leitura já é aplicada nos moldes da Recomendação nº 44 do CNJ. Ainda segundo o entrevistado, em São Paulo havia uma sala na biblioteca do presídio, onde os internos deveriam ler uma série de livros por, pelo menos, duas horas semanais. Feita a leitura, eles deveriam confeccionar um resumo ou uma resenha que seria avaliada por um docente. Após a avaliação, cada obra lida permitiria a remição de quatro dias.

Quando foi transferido para o Complexo Penitenciário Lemos Brito, aproximou-se do Colégio George Fragoso Modesto também no intuito da remição. Mesmo já sendo pós-graduado, ele iniciou os estudos no eixo VI. Sua escolha pelo penúltimo eixo do terceiro tempo formativo foi baseada numa análise do tempo médio que levaria antes de poder obter uma progressão para o regime semiaberto. Disse que seu primeiro dia de aula foi muito tranquilo, pois já conhecia os professores.

Atualmente Armando já cursa o eixo temático VII e disse que sua relação com os professores é muito boa. Acredita que os profissionais de educação que trabalham no sistema prisional devem gostar muito, pois é comum o receio de muitas pessoas ao adentrarem uma penitenciária. Destacou que os professores são extremamente respeitados diante da ética imposta pelo próprio ambiente. Os internos tratam os docentes como seres sagrados.

O entrevistado também apontou alguns pontos negativos existentes para ele no Colégio, tais como o déficit no âmbito da informática, bem como nas questões estruturais a exemplo da ausência de acondicionamento nas salas de aula. Ele acha que o Colégio poderia ser mais rígido na cobrança do conteúdo e realizar aplicação de avaliações, a fim de que pressionasse os alunos a aprender mais.

Apesar dos obstáculos defrontados, o entrevistado falou que as aulas e as atividades propostas são boas considerando a heterogeneidade dos discentes. Afirmou que sempre participa das atividades até como maneira de se ocupar e ajudar outros internos. Nas aulas de física e matemática, por exemplo, auxilia seus colegas na resolução de questões.

Durante a entrevista, contudo, ele relatou que mais do que a remição e o aprendizado, o Colégio tem a função de permitir a socialização com os demais internos, de ter acesso a pessoas

não encarceradas e, de alguma maneira, ter contato com o mundo externo. Utilizando as palavras do entrevistado, é mais uma “questão humana” do que foco no conhecimento.

No ano de 2016, Armando realizou a prova do ENEM, cujo resultado, através do SISU (Sistema de Seleção Unificada), permitiu sua aprovação num curso de Letras. Infelizmente, em que pese ser possível a realização da matrícula, hoje o Estado não fornece meios capazes de viabilizar a efetiva participação no ensino superior.

A aproximação com o Colégio George Frago Modesto foi ainda um ponto chave para Armando, juntamente com outros alunos e com a Diretora Maria das Graças, iniciarem uma batalha em prol da implementação da remição pela leitura na Penitenciária Lemos Brito.

Assim, com a chegada do projeto da UNEB, Armando foi um dos apenados convidados para ser um monitor interno que auxiliaria a equipe nos trabalhos das rodas de leitura, o que foi aceito por ele.

Diferentemente do primeiro dia no Colégio, Armando contou que seu primeiro dia no projeto foi marcado por algumas expectativas, já que não sabia ao certo como seria o seu desenvolvimento. Encerrado o primeiro encontro, ele afirmou que foi muito interessante e todos (tanto os internos quanto a equipe da UNEB) saíram contentes.

Antes de ser preso, Armando não tinha um hábito de leitura expressivo. Dentro do sistema prisional, a leitura foi um dos caminhos encontrados para sua sobrevivência psicológica. Nas palavras dele, “a leitura faz você conseguir sair daqui, faz você ver outros lugares, outros mundos e ocupar sua cabeça”. Mencionou que em dois anos já leu diversos livros de autores variados, tais como Augusto Cury, Paulo Coelho e até mesmo obras relacionadas a outras culturas.

Segundo o entrevistado, o projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias proporcionou ainda mais o avanço na perspectiva da leitura. Antes dele, Armando enxergava os livros de maneira estritamente pessoal, porém os debates promovidos pelas rodas de leitura ocasionaram o compartilhamento de ideias e novos olhares sobre os variados assuntos. O entrevistado chegou a afirmar que hoje em dia enxerga o projeto como algo muito prazeroso.

Por outro lado, um leitor dentro do cárcere esbarra em algumas dificuldades, como o acervo de livros precário e pouco diversificado. Os livros utilizados pelo projeto de leitura são retirados da biblioteca do próprio módulo IV. Segundo Armando, metade dos livros que a compõe foi fornecida pela Fundação Pedro Calmon e a outra metade por doações dos próprios internos.

No tocante às remições de pena pelo estudo, Armando opinou que a carga horária poderia ser maior, pois para ele a quantidade de pena reduzida é ínfima, tornando-se pouco atrativa. Por isso, a remição de pena pela leitura viria para complementar a remição pelo estudo, o que atrairia mais internos em torno da educação.

O entrevistado entende que a remição é uma forma de valorizar aqueles que têm interesse em trabalhar, estudar e ler. A leitura, especificamente, tem o poder de transformar; ele próprio afirmou que viu pessoas mudarem de forma positiva seu comportamento em decorrência da leitura.

Ao final da entrevista, enfatizou que a cadeia também é um lugar de encontrar talentos. Projetos como o da UNEB podem gerar bons frutos e por essa razão deve ser estimulado para que outros sejam construídos.

#### **4.3 M.R.O.T.<sup>80</sup>, 32 Anos, Negro, Ensino Médio Completo**

Ler é legal, velho. O cara foge, esquece até que tá preso.

No turno vespertino, retornei ao módulo IV a fim de realizar mais duas entrevistas. Na unidade fui recebido pelo mesmo agente penitenciário do turno da manhã. Portanto, desta vez não tive empecilhos para adentrar a unidade com o gravador de voz.

O primeiro entrevistado do turno vespertino foi o jovem M.R.O.T. Diferentemente dos dois entrevistados anteriores, não havia marcado uma data específica com M.R.O.T., mas como ele havia se mostrado muito receptivo numa conversa após uma roda de leitura, pedi para chamá-lo para saber se aceitava dar uma entrevista.

Assim que se aproximou da grade, M.R.O.T. me reconheceu e me cumprimentou sorrindo. Não tendo autorização para sair do módulo IV, já que não faz do grupo da “farda azul”, realizamos nossa entrevista no mesmo corredor onde ocorreu a conversa prévia com Orlando. Felizmente, o horário após o período de almoço é bem mais tranquilo, de modo que não tivemos problemas com barulho ou interferências de outras pessoas.

---

<sup>80</sup>O interno por questões religiosas preferiu que não fosse criado um nome fictício, solicitando que fossem colocadas as iniciais do seu nome.

Ao improvisarmos duas cadeiras e uma mesinha escolar, iniciei o protocolo de conversa prévia, apresentando a mim, o trabalho de pesquisa e lendo o termo de consentimento livre e esclarecido. Após os devidos esclarecimentos, M.R.O.T. aceitou ser entrevistado.

M.R.O.T. é negro, natural de Salvador/BA, possui estatura mediana, cabelo curto e uma voz bem grave. Destaca-se por ser uma pessoa extremamente carismática, característica que tornou a entrevista bastante descontraída.

Antes de ser preso, M.R.O.T. já trabalhou como auxiliar de topografia e posteriormente como técnico de cartucho e impressora de tinta. Ao finalizar os estudos no ensino médio, relatou que não focou em nenhum vestibular e entre seus 18 e 20 anos se envolveu com outros jovens para “caírem na gandaia”. Aos 22 anos, em razão da prática de um homicídio, o entrevistado foi condenado.

Há cerca de dez anos M.R.O.T. está privado da sua liberdade. Preso pela primeira vez na 4ª Delegacia do São Caetano, foi transferido posteriormente para a Detenção – antiga unidade do Complexo Penitenciário Lemos Brito. Em 2009, foi transferido para a Unidade Especial Disciplinar (UED) - unidade responsável pela aplicação do regime disciplinar diferenciado (RDD). Na UED, M.R.O.T. afirmou que cumpriu parte da sua pena dentro de uma cela utilizada como biblioteca, mas apesar de ter lido um ou dois livros, a leitura não se tornou um hábito em sua vida. Da UED retornou para a Detenção; da Detenção foi para o Anexo; deste foi para o módulo V e do V foi finalmente transferido para o IV.

De acordo com ele, muita coisa mudou durante o período em que se encontra encarcerado. Tornou-se cristão batizado, casou-se após seu quarto relacionamento dentro do cárcere, teve um filho e hoje agradece a Deus por estar vivo. Além disso tudo, o hábito da leitura também representou uma importante transformação em sua vida na prisão, sendo a Bíblia sua leitura predileta.

M.R.O.T. relatou que antes de adentrar o sistema prisional nunca gostou de ler. Na prisão chegou a frequentar o Colégio George Fragoso Modesto por pouquíssimo tempo, afirmou que desistiu pois trabalhava na Premoldarte (empresa situada dentro da PLB responsável pela produção de artefatos de cimento). Por isso, somente a partir da chegada do Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias, M.R.O.T. foi verdadeiramente estimulado a ter contato com livros diversos da Bíblia.

A aproximação com o projeto da UNEB ocorreu com a ajuda do entrevistado Armando. Devido a um problema no braço, M.R.O.T. estava afastado do trabalho e, como forma de ajudar,

Armando pediu que a coordenadora das atividades laborativas e educacionais, Tânia Lúcia Santos, autorizasse a participação de M.R.O.T.

Em seu primeiro dia no projeto, ficou apenas observando a dinâmica e gostou da interação entre os demais internos ao discutirem sobre os livros que cada um havia lido. Contando com entusiasmo, M.R.O.T. relatou que apesar de ter participado somente de dois encontros até a data da entrevista, ele enxerga e se surpreende positivamente com a oportunidade de conhecer outras histórias de vida. Segundo ele, além dos livros, o fomento ao diálogo nas rodas de leitura foi outro ponto que despertou seu interesse.

De acordo com o entrevistado, o trabalho de excelência desenvolvida pela equipe do projeto permitiu a saída de uma rotina monótona tanto para ele quanto para outros internos. A leitura, assim como destacado pelos dois entrevistados anteriores, representa uma maneira de extravasar os muros da prisão. Nas palavras de M.R.O.T., “ler é legal, velho. O cara foge, esquece até que tá preso”.

Uma atividade lembrada por M.R.O.T. foi a elaboração de um cordel num dos encontros da roda de leitura. O entrevistado confeccionou e dedicou a sua mãe, que gostou e se surpreendeu com o filho escrevendo.

Em relação a alguma melhoria em prol do projeto de leitura, M.R.O.T. entende que a carga horária poderia ser maior e que o projeto deveria ser expandido para outras unidades. Ao ser indagado sobre a possibilidade de obter a remição a partir da leitura, declarou sorridente, “a pessoa ter remição por esse projeto? Eu acho dois presentes mandados do céu [risadas]. O cara tá aprendendo a ler, aprendendo a gostar da leitura e ainda ganha remição? Diminuir os dias de cadeia?! Pô, meu irmão, só tem que ajoelhar e falar: ‘Jesus, obrigado, não quero mais nada’”.

O entrevistado relatou que a produção do conhecimento também é realizada dentro do cárcere. Curiosamente, em vez de associar a cadeia à faculdade do crime, M.R.O.T. associou a um local com muitos talentos perdidos. Agarrando-se na sua crença em Deus, M.R.O.T. sonha em sair da penitenciária para trabalhar, entrar numa faculdade de Economia e estar ao lado da sua família.

#### 4.4: Ângelo Brandão Sena<sup>81</sup>, 49 Anos, Negro, Ensino Médio Completo

O projeto ele é uma aproximação da nossa vida real com a vida de vocês lá fora.

A última entrevista da tarde da segunda-feira ocorreu no mesmo corredor do módulo IV. Pedi para o agente penitenciário chamar o interno Ângelo Brandão. Este já aguardava minha visita e, embora tenha aceito tranquilamente ser entrevistado, solicitou previamente que não tratássemos do fato que resultou na sua prisão.

Aproveitamos as mesmas cadeiras e mesinha escolar improvisadas para nos acomodarmos. Nascido em 5 de junho 1968, Ângelo é negro, alto, forte, ex-supervisor do Polo Petroquímico de Camaçari, possui cabelo curto, ensino médio completo e sua característica mais marcante é a forma eloquente de se comunicar.

Vindo de uma família pobre, o entrevistado é filho de um ex-pedreiro. Apesar da origem humilde, os pais de Ângelo sempre o incentivaram a estudar; segundo ele, o cárcere adveio de um “percurso da vida”.

Ângelo inicialmente esteve preso no COP, onde passou 2 anos e 9 meses. Posteriormente, quando foi expedida sua guia de recolhimento, foi transferido para a PLB no ano de 2014. Nesta, passou um ano e sete meses no módulo I, onde imediatamente se inscreveu para exercer uma atividade laborativa e estudar no Colégio George Frago Modesto. Além disso, Ângelo ainda elaborou a defesa de alguns internos em processos criminais.

Sem adentrar nos fatos que ensejaram sua condenação, o entrevistado confessou-me que se sentiu injustiçado com a sentença proferida em seu desfavor e, diante disso, começou a estudar Direito por conta própria. Ângelo, então impetrou alguns *habeas corpus* como paciente a fim de que fosse solto. Um deles está atualmente em tramitação perante o Tribunal de Justiça.

A leitura de manuais de Direito também o auxiliou na impetração de *habeas corpus* para outros internos. Segundo ele, alguns *habeas corpus* impetrados foram concedidos. Essa atuação jurídica despertou em Ângelo o sonho de se tornar um advogado, desejo que foi revelado numa das rodas de leitura.

Dias após a entrevista, Ângelo me relatou entusiasmado que um membro da Universidade Católica que realiza um trabalho voluntário na penitenciária lhe ofereceu uma bolsa de estudos

---

<sup>81</sup>Nome fictício utilizado com o propósito de preservar a identidade do entrevistado.

para cursar Direito assim que ele obter a saída da prisão. Assim, o entrevistado deu mais um passo para a concretização do seu sonho.

Aluno do Colégio desde 2014, como já tinha o ensino médio completo, Ângelo em pouco tempo foi convidado para ser monitor interno da Escola. Inicialmente, matriculou-se no eixo V e posteriormente decidiu se rematricular no eixo IV a fim de ficar entre os eixos V e VII e o II e III, pois assim facilitava que auxiliasse cinco eixos distintos na condição de monitor. O entrevistado enxerga uma alta precariedade da alfabetização dentro do sistema prisional e por isso entende que esse deveria ser o principal foco educacional nos presídios.

Extraordinariamente, baseado na sua experiência enquanto estudante, ao longo da sua monitoria, Ângelo alterou a configuração das cadeiras nas salas de aula, criando uma divisória que possibilita uma menor distância entre alunos e professores. Desse modo, reputa que facilita a interação entre ambos.

Da mesma maneira que buscou se matricular o mais breve possível na Escola, quando o projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias foi implementado, o entrevistado desde o início se prontificou a fazer parte.

Ele relatou que gostou bastante do método adotado pelo projeto a começar do primeiro encontro com o grupo, ressaltando que em conjunto com a necessidade de melhorias no processo de alfabetização, as rodas de leitura deveriam englobar mais participantes. Ângelo possui a concepção de que o interno em processo de alfabetização não consegue ter um bom aproveitamento no projeto, haja vista a necessidade de que outros internos o auxiliem nas atividades propostas. Ele acredita que um interno não alfabetizado não compreende as dinâmicas adotados nas rodas de leitura e somente está ali em decorrência da possibilidade de remição de pena.

No cárcere, portanto, Ângelo sempre buscou o contato com a leitura, pedindo até mesmo para seus parentes levassem livros nas visitas realizadas. O projeto, para ele, além de instigar seu próprio hábito de leitura, seria capaz de despertar o interesse daqueles que ainda não adquiriram, especialmente porque o entrevistado acredita que o projeto representa uma aproximação da vida real dos encarcerados com a vida de quem está lá fora.

Ângelo, em consonância com os demais entrevistados, afirmou que o projeto da UNEB deveria abranger mais internos, pois o mesmo traz a perspectiva não apenas da remição de pena, como também a do aprendizado. Destacou outro ponto bastante relevante, qual seja o



conhecimento como uma via de mão dupla, “porque quando vocês vêm trazer um ensino para gente, eu creio que vocês também não saem daqui sem aprender um pouquinho com nós”.

No tocante à possibilidade de remição pela leitura a partir do projeto da UNEB, Ângelo observou que a carga horária deveria ser maior do que a prevista, pois o aumento do tempo a ser descontado da pena incentivaria a participação de mais apenados.

Com a chegada do fim da tarde, encerramos a entrevista. Agradei a participação e acompanhei Ângelo até a grade, a qual o agente penitenciário destrancou para que aquele retornasse a sua cela.

#### **4.5 Mário Barreto dos Santos<sup>82</sup>, 56 anos, Negro, Alfabetizando**

Então isso ajuda a gente demais, faz a gente conhecer um mundo diferente que eu não conhecia.

Na manhã do dia 12 de dezembro de 2017 ingressei na PLB com o intuito de realizar a última entrevista. Para isso, contei com a ajuda do interno Armando, que na semana da nossa entrevista comunicou Mário sobre meu interesse em conversar com o mesmo.

Dirigi-me até o módulo IV, mas fui informado que Mário não se encontrava na unidade, pois ele é farda azul e estava trabalhando naquele horário. Fui, então, até o chefe de segurança da PLB objetivando descobrir onde Mário se localizava.

Passados alguns minutos de espera, fomos informados acerca do local que Mário desempenhava sua atividade laborativa. O chefe de segurança gentilmente pediu para chamá-lo e, após mais um tempo aguardando, Mário apareceu.

Mário me reconheceu assim que me viu, aceitando o convite para conversarmos num local mais reservado. Desse modo, fomos até um banco de madeira situado embaixo de uma árvore na parte externa do módulo IV, onde não havia a circulação de outras pessoas.

Em nossa conversa prévia, expliquei sobre o que o trabalho se tratava e li cuidadosamente para ele o termo de consentimento de livre e esclarecido. Feitos os esclarecimentos devidos, Mário aceitou realizar entrevista naquele mesmo horário, assegurando que não prejudicaria seu trabalho.

---

<sup>82</sup>Nome fictício utilizado com o propósito de preservar a identidade do entrevistado.

O baiano Mário possui 56 anos, sendo o entrevistado mais velho e mais tímido que conversei. É negro, baixo, magro, pai de 6 filhos e hoje em dia está em processo de alfabetização. Oriundo de uma família humilde, ante a necessidade de auxiliar no sustento familiar, Mário nunca frequentou uma escola antes do cárcere. Trabalhou na roça quando criança e mais velho aprendeu a manusear o trator de “tombar terra” e ainda aprendeu um pouco as funções de pedreiro, eletricista, mecânico e borracheiro.

O entrevistado preferiu não comentar sobre os motivos que ensejaram sua condenação, mas relatou que primeiramente ficou preso numa delegacia no ano de 2015 e há cinco meses cumpre pena na PLB. Falou sobre o seu receio em relação aos outros internos quando chegou. Esse receio cedeu lugar a algumas amizades que vem construindo desde então.

Quando foi transferido para a Penitenciária Lemos Brito, Mário foi informado que havia um Colégio onde os internos poderiam estudar. Assim, realizou sua matrícula no eixo I e, embora estivesse bastante constrangido especialmente em razão da sua idade, achou o primeiro dia de aula ótimo. Relembrou que buscou ouvir mais os demais alunos e professores, mas que não deixou de manifestar suas opiniões quando solicitado.

Mário considera sua relação com os professores e alunos muito boa, afirmando gostar da aproximação com os mesmos. Ser um estudante dentro do cárcere, para ele, é muito importante, haja vista o aprendizado, o conhecimento do mundo a partir de outras perspectivas e também porque mantém sua mente ocupada. Aliás, nas horas vagas, o artesanato de casas, carros e barcos de madeira é outra atividade desenvolvida pelo entrevistado como forma de fugir da ociosidade da prisão.

No tocante ao projeto de leitura da UNEB, Mário também contou com a ajuda de Armando, que o recomendou e o estimulou a entrar. Como se não bastasse o incentivo, Armando ainda ajuda semanalmente o entrevistado na realização das atividades passadas pelo projeto. Por esse motivo, Armando é reconhecido por Mário como um professor; enquanto o primeiro lê os exercícios, o segundo dita aquilo que pensa a respeito. Posteriormente, Armando transcreve o que foi dito pelo entrevistado e realiza a leitura nas rodas de debate.

Ainda que não saiba ler, Mário enxerga o projeto de forma positiva, pois a partir dele ele se recorda do passado e ao mesmo tempo se projeta para o futuro. Além disso, o entrevistado acredita que o projeto de leitura contribui para seu processo de alfabetização, já que se trata de mais uma fonte de aprendizado.

Receoso de que o projeto não dure muito tempo, Mário deseja que ele permaneça, pois enquanto estiver funcionando, ele se fará presente. Nas palavras dele, “e se tiver, eu não sei, acho que vai terminar agora, mas se for continuar e eu puder, eu vou continuar. Eu não vou parar nunca, enquanto eu tiver por aqui a minha intenção é seguir em frente”.

No que tange às possíveis melhorias em torno do projeto Leitura e Escrita - Ações Libertárias, o entrevistado revelou que seria melhor que houvesse mais pessoas participando, porque o aprendizado seria expandido.

Paradoxalmente, Mário afirmou que apesar da prisão ter representado um passo ruim em sua vida, ele enxerga de forma positiva a possibilidade atual de estudar e iniciar seu contato com a leitura.

O principal objetivo do entrevistado com a leitura é um dia poder ler a Bíblia. Confiante em atingir sua meta, Mário já deu valiosos passos. O termo de consentimento livre e esclarecido assinado por ele, por exemplo, demonstra sua evolução no conhecimentos das palavras. Se antes ele somente escrevia seu nome, pois havia decorado o formato das letras que o compunham; hoje ele já escreve compreendendo as letras e combinações silábicas.

## 5 ANÁLISE DOS ACHADOS DA PESQUISA

### 5.1 A Educação como Direito Fundamental e Dever de Todos: Amparo Legal do Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias

Nas lições de Canotilho<sup>83</sup>, os direitos fundamentais são estudados enquanto “direitos jurídico-positivamente vigentes numa ordem constitucional”<sup>84</sup>. Segundo o autor, os direitos fundamentais podem ser definidos a partir de dois sentidos: formal e material.

Sob o ponto de vista formal, os direitos fundamentais são assim considerados por ocuparem uma hierarquia superior no ordenamento jurídico<sup>85</sup>, tal posição é reconhecida por meio de uma decisão manifesta do legislador constituinte.

Por sua vez, em seu aspecto material, não obstante a existência de diversas correntes doutrinárias, filiamo-nos à posição de Dirley da Cunha Jr<sup>86</sup> que utiliza a dignidade humana como núcleo essencial para a conceituação. Sustenta o professor que “os direitos fundamentais devem ser concebidos como aquelas posições jurídicas essenciais que explicitam e concretizam essa dignidade, e nisso residiria, sem dúvida, a sua fundamentalidade material”<sup>87</sup>.

No tocante ao direito à educação, a professora Nina Ranieri<sup>88</sup> aponta que, embora se trate de uma garantia fundamental de natureza subjetiva assim como todos os direitos fundamentais, o direito à educação possui contornos próprios<sup>89</sup>. Trata-se de um direito fundamental social, individual e também direito difuso e coletivo (a relação jurídica em comum é a cidadania), de concepção regida pelo conceito de dignidade humana<sup>90</sup>.

Os titulares do direito à educação e seus sujeitos passivos são, ao mesmo tempo, uma coisa e outra. Os titulares do direito à educação são os indivíduos ou grupo de indivíduos, considerados de acordo com suas peculiaridades<sup>91</sup>: crianças, jovens, adultos, idosos e aqui acrescentamos os sujeitos encarcerados. Todavia, o Estado também é beneficiário do direito, vez que a educação proporciona a difusão da democracia, dos direitos humanos e da proteção do meio ambiente, valores primordiais para resguardar o Estado Democrático de Direito<sup>92</sup>.

---

<sup>83</sup> CANOTILHO, J. J. Gomes. **Sentido e forma dos direitos fundamentais**. In: Direito Constitucional e Teoria da Constituição. 7.ed. Coimbra: Edições Almedina, 2013.

<sup>84</sup> **Ibidem**, p. 377.

<sup>85</sup> **Ibidem**.

<sup>86</sup> CUNHA JÚNIOR, Dirley. **Curso de Direito Constitucional**. 7. ed. Salvador: JusPodivm, 2013.

<sup>87</sup> **Ibid.**, p. 547.

<sup>88</sup> RANIERI, Nina Beatriz Stocco. **Justiça pela Qualidade na Educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.

<sup>89</sup> **Ibidem**.

<sup>90</sup> **Ibidem**.

<sup>91</sup> **Ibidem**.

<sup>92</sup> **Ibidem**.

O sujeito passivo é o Estado, responsável, por excelência, pelas ações e intervenções que lhe conferem efetividade. Entretanto, do mesmo modo, correlatos com as obrigações estatais estão o papel da família em promover o acesso à educação e a incumbência da sociedade em financiá-la<sup>93</sup>.

Em meio à Carta Magna de 1988, a educação representa o direito social com maior ênfase dentre os dispositivos constitucionais<sup>94</sup>. A temática educacional está disciplinada na Constituição Federal de 1988 em cerca de trinta artigos, destacando-se as disposições do Título II (Dos direitos e garantias fundamentais) e do Título VIII (Da ordem social)<sup>95</sup>.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho<sup>96</sup>.

A proteção normativa em torno do direito à educação também é assegurada em documentos internacionais. Segundo Luiz Coutinho<sup>97</sup>, os quatro grandes instrumentos são a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948; a Convenção contra a Discriminação na Educação de 1960; o Pacto Internacional sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais de 1966 (ratificado pelo Brasil em 1991 e promulgado em 1992) e a Convenção dos Direitos da Criança de 1989.

Diferentemente de outros direitos sociais, o direito à educação é compulsório ao menos nos níveis básicos conforme prevê o artigo 208, I, da Constituição Federal<sup>98</sup>. Acaso não seja ofertada em idade própria, a educação básica como direito subjetivo público deverá ser garantida por força do artigo 208, I e §1º, da Lei Maior<sup>99</sup>.

À vista disso, o artigo 4º, I, da Lei nº 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, institui que a educação básica compreenderá a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio<sup>100</sup>.

---

<sup>93</sup> **Ibidem.**

<sup>94</sup> RÁTIS, Carlos. **Habeas Educationem**. 1. ed. Salvador: JusPodivm, 2013.

<sup>95</sup> BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: <<http://bit.ly/1dFiRrW>>. Acesso em: 12 de fev. 2018.

<sup>96</sup> **Ibidem.**

<sup>97</sup> COUTINHO, Luiz Augusto Reis de Azevedo. **Atrás das Grades: O desafio da educação de presos no século XXI**. Salvador: A Casa Cultural Coronel Pitá, 2016.

<sup>98</sup> Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;

<sup>99</sup> § 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

<sup>100</sup> Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma:

a) pré-escola;

Buscando atender às especificidades da educação aos sujeitos encarcerados, a Lei 7.210, de 11 de julho de 1984 (Lei de Execução Penal – LEP) estipula em seu Capítulo II, Seção V, dispositivos versando sobre a assistência educacional aos presos e internados. Nos anos de 2011 e 2015, a LEP sofreu alterações com a promulgação da Lei 12.433 e da Lei 13.163, respectivamente<sup>101</sup>.

A primeira alteração legislativa em 2011 foi responsável pela introdução da remição pelo estudo em prol dos apenados que cumprem pena no regime fechado ou semiaberto<sup>102</sup>. Antes da Lei 12.433 somente havia a previsão legislativa na modalidade de remição pelo trabalho, cabendo à jurisprudência reconhecer por interpretação extensiva a atividade estudantil como meio de diminuição de pena - motivo pelo qual foi editada a súmula 341 do Superior Tribunal de Justiça<sup>103</sup>.

Já no ano de 2015, ainda com o propósito de estimular a educação no sistema prisional e cumprir os mandamentos constitucionais, a Lei 13.163 introduziu o artigo 18-A na LEP<sup>104</sup>, tornando obrigatório o oferecimento do ensino médio aos apenados<sup>105</sup>.

Ante as lacunas deixadas pela legislação supramencionada, o Ministro Corregedor-Geral da Justiça Federal juntamente com o Diretor-Geral do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) publicaram a Portaria Conjunta nº 276, de 2 de junho de 2012, estipulando e regulamentando a remição da pena pela leitura aos custodiados em penitenciárias federais de segurança máxima.

Posteriormente, o Conselho Nacional de Justiça editou a Recomendação nº 44, de 26 de novembro de 2013, sugerindo que os Tribunais considerassem o emprego de atividades educacionais complementares para fins de remição de pena e a possibilidade de remição da pena através da leitura a todas as penitenciárias do Brasil.

Assim, com a natureza de extensão universitária, o Projeto Leitura e Escrita –Ações Libertárias posto em prática no módulo IV da PLB se amparou na Recomendação nº 44 e englobou seus dois principais propósitos: (I) executar atividades complementares para fins de

---

b) ensino fundamental;

c) ensino médio;

<sup>101</sup> AVENA, Noberto Cláudio Pâncaro. **Execução Penal**. 4.ed. São Paulo: Método, 2017.

<sup>102</sup> **Ibidem**.

<sup>103</sup> BRASIL. **Superior Tribunal de Justiça**. Súmula 341, 13 de agosto de 2007. A frequência a curso de ensino formal é causa de remição de parte do tempo de execução de pena sob regime fechado ou semi-aberto. Disponível em: < <http://bit.ly/2BGNboV>>. Acesso em: 13 de fev. 2018.

<sup>104</sup> Art. 18-A. O ensino médio, regular ou supletivo, com formação geral ou educação profissional de nível médio, será implantado nos presídios, em obediência ao preceito constitucional de sua universalização.

<sup>105</sup> AVENA, Noberto Cláudio Pâncaro, **op. cit.**

remição de pena pelo estudo e (II) fomentar o contato dos internos participantes com livros variados almejando a remição de pena através da leitura.

## **5.2 Então, Eu Vi, Observei o Povo Conversando, Falando sobre o Livro, o que Leu, o que Entendeu, o que Espremeu um Pouco da Mente, do Cérebro, Colocou o Neurônio pra Conversar um com o Outro, né? Coisa que a Gente Não Fazia Muito Aqui**

O título acima representa uma fala do entrevistado M.R.O.T.. Ela foi escolhida porque simboliza uma surpresa positiva que me deparei durante a observação direta nas rodas de leitura.

Ainda na fase de escolha do tema de pesquisa, já havia o conhecimento de que a remição da pena pela leitura era uma realidade em alguns municípios do Brasil, porém via esse instituto com diversas ressalvas. Acreditava que o implemento desta modalidade de remição era absolutamente excludente e elitista, pois somente privilegiaria aqueles internos que já possuíam uma educação formal<sup>106</sup>.

O entrevistado Armando contou que já esteve custodiado numa unidade prisional no estado de São Paulo e lá foi beneficiado com a diminuição do seu tempo de pena em decorrência da leitura de livros. Para obter essa remição, Armando relatou que frequentava uma sala na biblioteca do presídio, onde lia algumas obras catalogadas por pelos menos duas horas semanais. Sem a existência de rodas de leitura ou debates entre os internos, Armando deveria confeccionar um resumo ou resenha ao término da leitura a fim de comprová-la.

Este depoimento foi confirmado após acesso a dois documentos oficiais emitidos por instituições paulistas. O primeiro deles é intitulado como “Minuta De Portaria Remição Pela Leitura”<sup>107</sup>, trata-se de uma espécie de modelo publicado na página eletrônica do Tribunal de Justiça de São Paulo que estimula as Varas de Execuções Criminais a reconhecerem a remição pela leitura ainda com base na Portaria Conjunta nº 276. O segundo documento, encontrado no site do Ministério Público do Estado de São Paulo, refere-se a uma nota técnica<sup>108</sup> emitida pelo

---

<sup>106</sup> O conceito “educação formal” proposto pelo Ministério da Educação como aquela que está “presente no ensino escolar institucionalizado, cronologicamente gradual e hierarquicamente estruturado”. Museu e escola: educação formal e não-formal. **Ministério da Educação**. Maio, 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/2ChDC0M>>. Acesso em: 15 de fev. 2018.

<sup>107</sup> Minuta De Portaria Remição Pela Leitura. **Tribunal de Justiça**. Disponível em: <<http://bit.ly/2ovLy55>>. Acesso em: 16 de fev. 2018.

<sup>108</sup> Nota técnica: remição pela leitura. **Ministério Público do Estado de São Paulo**, Centro de Apoio Operacional Criminal. Disponível em: <<http://bit.ly/2GIQknj>>. Acesso 16 de fev. 2018.

*Parquet* estadual rechaçando a postura do Corregedor Geral da Justiça do Estado de São Paulo ao lançar a Minuta, pois a concessão de remição pela leitura afrontaria os princípios constitucionais da legalidade e isonomia<sup>109</sup>.

Assim, acreditava que o Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias buscava a aplicação da remição pela leitura nos moldes presenciados por Armando na unidade paulista, os quais limitavam o acesso à leitura aqueles que já eram alfabetizados e não prestigiavam outros meios de conhecimento. Entretanto, na primeira visita no dia 23 de novembro de 2017 como observador participante do Projeto da UNEB instaurado do módulo IV, surpreendi-me positivamente. As rodas de leitura criadas funcionavam na capela da unidade e contavam com a participação de vinte e dois internos. Ao final deste encontro, contando com a ajuda principalmente das monitoras do Curso de Serviço Social, pude compreender melhor a dinâmica proposta.

Nas rodas de leitura, o diálogo entre os participantes era estimulado a todo momento. As atividades semanais não consistiam somente na leitura de livros e confecção de resenhas ou resumos, mas valorizaram formas heterogêneas e acessíveis de aprendizado: cordéis, poesias, frases trava-línguas, textos sobre trabalho que possibilitavam relatos pessoais. Os internos deveriam ler os textos planejados, produzir por escrito sua compreensão do conteúdo, apresentar e discutir perante o grupo o material elaborado.

A metodologia adotada nas rodas de leitura era tão inclusiva que permitiu até mesmo que o apenado Mário, em processo de alfabetização, participasse ativamente de todas as atividades. Mário recebia ajuda de outros internos para realizar as leituras dos textos e confeccionar as transcrições das suas percepções. Contudo, durante os encontros, ele colaborava com posicionamentos críticos, fomentando o debate entre os colegas.

O Projeto Leitura e Escrita - Ações Libertárias se revelou como uma verdadeira fonte de educação não formal, aquela definida pelo MEC como “qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino”<sup>110</sup>. Como se não bastasse, as rodas de leitura ainda prezavam pela educação informal dos internos participantes, ou seja, eram enaltecidos aqueles conhecimentos obtidos pelo indivíduos através do seu processo de socialização (em casa, no trabalho, no lazer) – são os

---

<sup>109</sup> **Ibidem.**

<sup>110</sup> Museu e escola: educação formal e não-formal. Ministério da Educação. Maio, 2009, p. 18. Disponível em: <<http://bit.ly/2ChDC0M>>. Acesso em: 15 de fev. 2018.



saberes construídos na prática comunitária, que se encontraram carregados “de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados”<sup>111</sup>.

Nas lições de Paulo Freire<sup>112</sup> acerca da alfabetização e conscientização, o educador alerta que “a educação como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade”<sup>113</sup>, de tal modo que proporcione aos indivíduos a formação de um juízo crítico das alternativas propostas pela elite. A partir daí, a educação deve possibilitar que o aprendiz trace seu próprio caminho sem estar condicionado a um esquema de poder já existente<sup>114</sup>.

Em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, direcionada aos educadores em geral, um dos pontos enfatizados por Paulo Freire é que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, devendo ser aproveitadas as vivências dos indivíduos no cotidiano para a promoção do debate crítico<sup>115</sup>.

Ensinar não se confunde com transferir conhecimentos aos educandos, mas sim criar meios para sua própria produção ou construção. A memorização mecânica de um objeto de estudo não se traduz no aprendizado verdadeiro, é preciso, pois, que exista uma apreensão crítica da realidade<sup>116</sup>. Os educandos devem se inserir criticamente na história e, ao passo que ocorre a tomada de consciência histórica, assumem permanentemente o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo<sup>117</sup>. Segundo Freire, a conscientização nos leva a assumir uma postura utópica frente ao mundo, mas essa utopia está longe de ser algo inatingível, vez que ela está contida no processo.

Para mim o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico<sup>118</sup>.

As rodas de leitura se inspiraram no que Freire chama de intencionalidade de consciência ou poder de reflexão da consciência<sup>119</sup>. Antes mesmo da alfabetização, é necessário desafiar a consciência crítica, porque a “leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que

---

<sup>111</sup> **Ibidem, loc. cit.**

<sup>112</sup> PAULO, Freire. **Conscientização: teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

<sup>113</sup> **Ibidem**, p. 29.

<sup>114</sup> **Ibidem**.

<sup>115</sup> **Idem. Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

<sup>116</sup> **Ibidem**.

<sup>117</sup> **Ibidem**.

<sup>118</sup> FREIRE, **op. cit.**, p. 32.

<sup>119</sup> **Ibidem**, p. 57.

a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”<sup>120</sup>. O auxílio do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não deve acarretar na anulação da criatividade do educando, afinal, ambos (educador e educando) são capazes de tomar um objeto qualquer e expressarem verbalmente o objeto sentido e percebido<sup>121</sup>. A alfabetização nada mais é do que a criação ou montagem da expressão escrita da expressão oral<sup>122</sup>.

Por isso, Freire complementa afirmando que “podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”<sup>123</sup>.

Um ponto crucial das discussões nas rodas de leitura foi mostrar aos participantes uma ideia de Freire de que a “falta de conhecimento é relativa e que a ignorância absoluta não existe”<sup>124</sup>. Podemos pensar no caso dos dois entrevistados com o menor nível de escolaridade.

Em que pese nunca ter lido um livro, a partir das suas experiências pessoais, Mário expôs criticamente sua visão de mundo na medida que foi estimulado durante os debates e atividades. Da mesma maneira, o entrevistado Orlando que ainda não concluiu o 2º grau, enriqueceu os encontros apresentando seus saberes e opiniões críticas apoiados em vivências particulares, que permitiram, inclusive, a criação de dentro do cárcere de duas obras direcionadas para telenovelas.

### 5.3 Cadeia Pra Quem?

Não poderíamos investigar a educação no sistema prisional sem permear os estudos de gênero, raça e classe. Essas conceitualizações integram uma unidade indissociável denominada interseccionalidade<sup>125</sup>.

Em 2017, o DEPEN – Departamento Penitenciário Nacional, que está vinculado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, atualizou os dados divulgados no ano de 2014 pelo Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – INFOPEN. De acordo com os dados obtidos entre dezembro de 2015 a junho de 2016, “a população prisional brasileira ultrapassou,

<sup>120</sup> **Idem. A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989, p. 09.

<sup>121</sup> **Ibidem.**

<sup>122</sup> **Ibidem.**

<sup>123</sup> **Ibidem,** p. 13.

<sup>124</sup> FREIRE, **op. cit.**, p. 63.

<sup>125</sup> HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais.** Tempo soc. [online]. 2014, vol. 26, n.1, p.61-73. Disponível em: <<http://bit.ly/2F6fxre>>. Acesso em: 21 fev 2018.

pela primeira vez na história, a marca de 700 mil pessoas privadas de liberdade, o que representa um aumento da ordem de 707% em relação ao total registrado no início da década de 90”<sup>126</sup>. Essa população prisional leva em consideração a soma das pessoas privadas de liberdade no sistema prisional estadual e nasarceragens das delegacias, além daquelas custodiadas no sistema penitenciário federal<sup>127</sup>.

Do total das pessoas encarceradas no território nacional, cerca de 666.482 são homens e 42.355 são mulheres. No estado da Bahia, existem aproximadamente 14.690 e 604 mulheres privados de liberdade<sup>128</sup>.

Ademais, no Brasil, enquanto que uma parcela de 53% da população acima dos 18 anos se autodeclarou negra em 2015; analisando o mesmo período dentro do sistema prisional nacional o número de negros e negras sobe para 64%. No estado baiano, os dados são ainda mais alarmantes, vez que a população negra privada de liberdade atinge 89%<sup>129</sup>.

Quanto à escolaridade dos presos no território brasileiro, por volta de 51% possuem o ensino fundamental incompleto; 15% o ensino médio incompleto; 14% o ensino fundamental completo; 9% o ensino médio completo; 6% são alfabetizados (sem curso regular); 4% são analfabetos; 1% tem o ensino superior incompleto; e a população carcerária nacional que apresenta o ensino superior completo ou um ensino acima de superior completo não atinge 1%. No estado baiano, cerca de 52% das pessoas presas possuem o ensino fundamental incompleto; 9% o ensino médio incompleto; 7% o ensino fundamental completo; 6% o ensino médio completo; cerca de 15% de alfabetizados (sem curso regular); 10% são analfabetos; e no estado da Bahia o número de pessoas encarceradas que possuem ensino superior incompleto, ensino superior completo ou acima do ensino superior não atinge o percentual 1%<sup>130</sup>.

Apresentando certa similitude com os dados obtidos pelo Departamento Penitenciário Nacional, em relação aos participantes do Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias executado no módulo IV da PLB, do total de 22 participantes 18 eram negros. No tocante à escolaridade, dos quatro internos brancos, três possuíam o ensino superior. Em contrapartida, somente três negros concluíram uma faculdade no universo de dezoito.

---

<sup>126</sup> Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias: Atualização - Junho de 2016, p. 09. Disponível em: <[http://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil/relatorio\\_2016\\_junho.pdf](http://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil/relatorio_2016_junho.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>127</sup> **Ibidem.**

<sup>128</sup> **Ibidem.**

<sup>129</sup> **Ibidem.**

<sup>130</sup> **Ibidem.**

Os dados levantados sobrealçam a importância das rodas de leitura da maneira como foram conduzidas. Alinhado com o projeto político pedagógico do Colégio George Frago Modesto, que busca incrementar iniciativas como “A Cor do Brasil” e os Saraus literários, o Projeto da UNEB também levantou discussões essenciais ao redor da interseccionalidade. Alguns dos temas debatidos nos encontros observados abordaram o trabalho infantil frequentemente percebido em famílias pobres e negras; a importância da mulher no contexto social, com destaque ao retrato de negras através dos cordéis da autora Jarid Arraes; a luta do povo nordestino; as consequências nocivas do processo escravocrata no Brasil; as relações de poder derivadas das práticas delituosas.

No estudo de Patricia Hill Collins<sup>131</sup>, a professora universitária de Sociologia da Universidade de Maryland demonstra três temas-chave no pensamento feminista negro que devem permear o processo de conscientização do movimento: (I) autodefinição e autoavaliação; (II) a natureza interligada da opressão e (III) a importância da cultura. Em que pese o texto da autora seja direcionado substancialmente às mulheres negras, suas teorias dialogam com a pesquisa e com as rodas de leitura.

Enquanto a “autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente”<sup>132</sup>, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições, substituindo imagens externamente definidas com imagens autênticas<sup>133</sup>. A preocupação inicial voltada para esses dois pilares aplica-se aos internos negros e pobres, vez que, embora possuam outras especificidades de opressão, eles também são alvos do controle dos grupos dominantes. Collins aponta razões que justificam a necessidade da autodefinição e autoavaliação.

Em primeiro lugar, definir e valorizar a consciência do próprio ponto de vista autodefinido frente a imagens que promovem uma autodefinição sob a forma de “outro” objetificado é uma forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação. O status de ser o “outro” implica ser o outro em relação a algo ou ser diferente da norma pressuposta de comportamento masculino branco<sup>134</sup>.

O segundo tema-chave é a natureza interligada da opressão. Algumas pesquisas atuais vêm identificando um elo crucial entre sistemas interligados de opressão<sup>135</sup>; a existência de um pensamento dualístico do tipo este ou aquele é definido por bell hooks (escrito em letras

---

<sup>131</sup> COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within a significação sociológica do pensamento negro**. Revista Sociedade e Estado. 2016, vol. 31, n. 1, p. 99-127.

<sup>132</sup> **Ibid.**, p. 102.

<sup>133</sup> **Ibidem.**

<sup>134</sup> **Ibidem**, p. 105.

<sup>135</sup> **Ibidem.**

minúsculas) como “o componente ideológico central de todos os sistemas de dominação na sociedade ocidental”<sup>136</sup>. Os exemplos que ilustram este ponto é a escolha entre se identificar como mulher ou negra, ou da escolha entre se identificar como negro ou pobre; ambos os casos denotam um produto da estratégia patriarcal de “dividir e conquistar”<sup>137</sup>. Torna-se mais fácil compreender e se sensibilizar quando se apreende que os sistemas de opressão podem afetar tanto mulheres negras e pobres, quanto homens negros ou até mesmo o grupo dominante<sup>138</sup>. Segundo Collins, a visão mais clara em torno da solidariedade da humanidade é trazida por Bert James Loewenberg e Ruth Bogin.

Nós tomamos nossa posição quanto à solidariedade da humanidade, a unidade da vida e a falta de naturalidade e injustiça presente em todas as formas de favoritismos particulares, quer sejam sexo, raça, país ou condição... As mulheres de cor sentem que a causa das mulheres é única e universal; e que... somente quando raça, cor, sexo e condição forem vistos como acidentes, e não como a substância da vida; somente quando o direito universal da humanidade à vida, à liberdade e à busca da felicidade for considerado um direito inalienável a todos; somente quando isso acontecer terá sido a lição ensinada pelas mulheres aprendida e a causa das mulheres terá sido ganha – não a causa das mulheres brancas, negras ou vermelhas, mas a causa de todo homem ou mulher que se contorcia em silêncio sob o jugo de poderosas injustiças<sup>139</sup>.

Por fim, o terceiro tema chave trazido pela autora é a importância da cultura. A partir dela, os grupos oprimidos podem contrastar com os valores únicos e a-históricos de um determinado grupo, criando sua própria referência ideológica, ou seja, os símbolos e valores da autodefinição e autoavaliação, circunstâncias que ajudem a notar as diversas formas de opressão de raça, classe e gênero<sup>140</sup>.

Esse conjunto de temas chaves, não por acaso, além de dialogar com o processo educacional proposto por Paulo Freire, representa um importante passo para a compreensão dos estudos da criminologia crítica e enfoque da reação social (ou *labeling approach*)<sup>141</sup>.

Diferentemente da criminologia tradicional que questiona quem é o criminoso, como este se torna desviante ou em quais condições um condenado se torna reincidente, a criminologia da reação social e a criminologia crítica buscam compreender quem é o indivíduo definido como desviante. Em quais condições ele pode se tornar objeto dessa conceituação? Que efeito decorre dessa definição sobre este indivíduo? Quem define quem?<sup>142</sup>

<sup>136</sup> HOOKS, bell **apud** COLLINS, Patricia Hill, **ibidem**, p. 106.

<sup>137</sup> **ibidem**.

<sup>138</sup> **ibidem**.

<sup>139</sup> LOEWENBERG, Bert James; BOGIN, Ruth **apud** COLLINS, Patricia Hill, **ibidem**, p. 109-110.

<sup>140</sup> **ibidem**.

<sup>141</sup> BARATTA, Alessandro. **Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal**: introdução à sociologia do direito penal. 3.ed. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

<sup>142</sup> **ibidem**.

A teoria da reação social, por sua vez, sustenta que a origem do crime ocorre com o processo de criminalização, no momento em que a sociedade reage a uma determinada conduta, passando a exigir sua tutela jurídica, fundamentando, portanto, o etiquetamento da conduta impetrada como um comportamento criminoso<sup>143</sup>.

Esta direção de pesquisa parte da consideração que não se pode compreender a criminalidade se não se estuda a ação do sistema penal, que a define e reage contra ela, começando pelas normas abstratas até a ação das instâncias oficiais (polícia, juízes, instituições penitenciárias que as aplicam<sup>144</sup>.

Para explicar o processo de criminalização, Alessandro Baratta parte da reprodução dos conceitos elaborados por Lemert de desvio primário e desvio secundário. O desvio primário justifica como surge o comportamento desviante, referindo-se a uma análise da conjuntura social, cultural e psicológica, e não a aspectos deterministas ou inatos<sup>145</sup>. Em outras palavras, o crime não é lido como um desencadeamento natural e inerente ao indivíduo, mas se apresenta como produto de um processo de seletividade direcionado para determinada parcela da sociedade<sup>146</sup>.

O instante no qual se elege o crime e quem se quer punir incide, inevitavelmente, a seletividade penal<sup>147</sup>. Aqui as discussões sobre a atuação de um grupo dominante voltam à tona, pois a pergunta que se faz é: quem detém o poder de etiquetar?

Noutro giro, os desvios secundários ou desvios sucessivos secundários à reação social (compreendida a incriminação e a pena) “são fundamentalmente determinados pelos efeitos psicológicos que tal reação produz no indivíduo objeto da mesma”<sup>148</sup>. Logo, os desvios secundários explicam o comportamento desviante que o indivíduo tem, em razão do seu primeiro desvio, como resposta à reação social exercida pelas agências de controle social formal – tornando-se um meio de defesa, ataque ou adaptação.

A rotulação do comportamento desviante acarreta o grave problema da estigmatização. Ao ser privado da sua liberdade, o sujeito encarcerado perde sua identidade social para receber o status social de delinquente dirigindo-se não raras vezes para uma carreira no mundo do crime<sup>149</sup>.

---

<sup>143</sup> **Ibidem.**

<sup>144</sup> **Ibid.**, p. 86.

<sup>145</sup> **Ibidem.**

<sup>146</sup> **Ibidem.**

<sup>147</sup> **Ibidem.**

<sup>148</sup> **Ibid.**, p. 90.

<sup>149</sup> **Ibidem.**

Os dados obtidos pelo Departamento Penitenciário Nacional, por exemplo, evidenciam o perfil hegemônico dos presos no Brasil: homens, negros, pobres e com baixa escolaridade. Mesmo que não tenham tido acesso a manuais de criminologia, as discussões nos encontros das rodas de leitura evidenciaram conclusões críticas a respeito da parcela social mais afetada pelas instâncias oficiais de controle social.

#### 5.4 A Remição Como Estímulo à Educação

A expressão “remição” vem do latim *redimere*, que significa reparar, compensar, ressarcir<sup>150</sup>. A Lei de Execução Penal prevê duas modalidades de remição de pena: pelo trabalho e pelo estudo. Em ambas, o sentenciado poderá reduzir o tempo de cumprimento da pena imposta realizando atividades laborativas e/ou educacionais.

Com a redação atual, a Lei 7.210/84 disciplina as modalidades de remição de pena nos artigos 126 a 128. A remição pelo trabalho foi primeira a ser disciplinada pela LEP, de acordo com ela o apenado poderá reduzir 1 (um) dia de pena a cada 3 (três) dias de trabalho. Por sua vez, a remição pelo estudo, inserida pela Lei 12.433/11, permite que a cada 12 (doze) horas de frequência escolar<sup>151</sup> seja descontado 1 (um) dia de pena em favor do condenado.

Além do instituto da remição de pena por meio do estudo, a Lei 12.433/11 trouxe diversas inovações à legislação da execução penal. Dentre as mudanças, destaca-se a possibilidade das atividades de estudo ser desenvolvidas tanto de forma presencial quanto por metodologia de ensino à distância. Ademais, em caso de conclusão durante o cumprimento da pena do ensino fundamental, médio ou superior certificada pelo órgão competente do sistema de educação, o tempo a ser remido em razão do estudo será acrescido de 1/3 (um terço).

Outra importante novidade diz respeito ao artigo 128 do LEP: “O tempo remido será computado como pena cumprida, para todos os efeitos”. Embora possua poucas palavras, este dispositivo colocou um ponto final numa antiga controvérsia entre doutrinadores penalistas: se o tempo remido deveria ser somado ao tempo da pena cumprida ou se o tempo remido deveria ser abatido do total da pena aplicada<sup>152</sup>. Podem parecer similares, mas a depender da corrente adotada serão obtidos resultados completamente distintos nos cálculos da pena. A nova norma de efeito retroativo estabeleceu que a remição deve ser computada como pena efetivamente

---

<sup>150</sup> MARCÃO, Renato. **Curso de Execução Penal**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

<sup>151</sup> O art. 126, §1º, I, da LEP considera como frequência escolar toda atividade de ensino fundamental, médio, inclusive profissionalizante, ou superior, ou ainda de requalificação profissional

<sup>152</sup> **Ibidem, op. cit.**

cumprida, o que gerou um importante ganho para os apenados. Em alguns processo de execução, essa diferença podia atingir meses quando se estava diante de remições mais elevadas e repercutia na data de término da pena, bem como nos direitos previstos da LEP: progressão de regime, livramento condicional, saída temporária.

Noutro giro, a remição pela leitura não é regida pela Lei de Execução Penal. A Portaria Conjunta nº 276, de 2 de junho de 2012, foi a primeira iniciativa de âmbito nacional para permitir a remição da pena por meio da leitura aos custodiados das penitenciárias federais de segurança máxima<sup>153</sup>.

Somente em 26 de novembro de 2013, o Conselho Nacional de Justiça publicou a Recomendação nº 44 dispondo sobre atividades educacionais complementares para fins de remição da pena pelo estudo e estabelecendo critérios para a admissão pela leitura. O artigo 1º, I, disciplina que

I - para fins de remição pelo estudo (Lei nº 12.433/2011), sejam valoradas e consideradas as atividades de caráter complementar, assim entendidas aquelas que ampliam as possibilidades de educação nas prisões, tais como as de natureza cultural, esportiva, de capacitação profissional, de saúde, entre outras, conquanto integradas ao projeto político-pedagógico (PPP) da unidade ou do sistema prisional local e sejam oferecidas por instituição devidamente autorizada ou conveniada com o poder público para esse fim<sup>154</sup>.

Complementando o inciso acima, o inciso II da Recomendação nº 44 traz alguns requisitos que as autoridades competentes devem observar a fim de implementar projetos em prol das atividades educacionais complementares. Sempre que possível, os projetos devem conter: a) disposições a respeito do tipo de modalidade de oferta (presencial ou a distância); b) indicação da instituição responsável por sua execução e dos educadores e/ou tutores, que acompanharão as atividades desenvolvidas; c) fixação dos objetivos a ser perseguidos; d) referenciais teóricos e metodológicos a ser observados; e) carga horária a ser ministrada e respectivo conteúdo programático; f) forma de realização dos processos avaliativos.

No que tange ao Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias investigado por esta pesquisa, observou-se que todos os requisitos foram satisfeitos. No último encontro das rodas de leitura foi entregue aos internos certificados emitidos pelo Departamento de Educação (DEDC) da UNEB e pela Coordenadora do Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão (NUPE),

---

<sup>153</sup> FARIELLO, Luiza de Carvalho. Remição pela leitura já é realidade em diversos presídios brasileiros. **Agência CNJ de Notícias**. Junho, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2FcsyTv>>. Acesso em: 19 de fev. 2018.

<sup>154</sup> BRASIL. Recomendação Nº 44, de 26 de novembro de 2013. Dispõe sobre atividades educacionais complementares para fins de remição da pena pelo estudo e estabelece critérios para a admissão pela leitura. **Conselho Nacional de Justiça**. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/busca-atos-adm?documento=1235>>. Acesso em 19 de fev. 2018.



campus I - Salvador, da Universidade do Estado da Bahia atestando a participação nas atividades educacionais complementares com carga horária total de 80 horas (aos monitores internos) e 60 horas (aos demais participantes)<sup>155</sup>.

O Projeto da UNEB ainda fomentou a leitura aos internos participantes. Embora a remição ainda esteja aguardando a aprovação do CNJ, os benefícios das rodas de leitura foram evidenciados ao longo das entrevistas semidiretivas. Duas frases que se complementam foram unânimes: uma se referia à necessidade da ampliação do Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias para outras unidades prisionais e a outra correspondia à importância da remição da pena através da leitura como fomento para participação de outros internos. Os cinco entrevistados afirmaram

E se há uma remição para a gente é mais gratificante ainda, porque nós estamos construindo dentro de cada um de nós um caráter diferenciado dos demais internos através da leitura. E você saber que além de tá construindo esse caráter, tá tendo essa oportunidade, **you também vai remir o seu tempo, amanhã ou depois outros serão incentivados da mesma forma. Serão incentivados, verão que a remição é real, porque se fala tanto de remição, ressocialização, mas na prática são pouquíssimas as oportunidades e são pouquíssimos os casos em que você verdadeiramente acompanha**<sup>156</sup> [grifos nossos].

O projeto de leitura. Poxa, eu acho muito bom o projeto, eu ainda não consigo ver algo de crítica em relação ao que poderia melhorar, **talvez a carga horária em termos de remição, porque independente da questão de fazer com prazer, porque é prazeroso, é um projeto prazeroso, eu acho que é pouco atrativo a quantidade de remição pra aproximar mais pessoas**<sup>157</sup> [grifos nossos].

A pessoa ter remição por esse projeto? Eu acho dois presentes mandados do céu (risadas). O cara tá aprendendo a ler, aprendendo a gostar da leitura e ainda ganha remição? **Diminuir os dias de cadeia?! Pô, meu irmão, só tem que ajoelhar e falar: “Jesus, obrigado, não quero mais nada”**<sup>158</sup> [grifos nossos].

Agora, na minha opinião, a carga horária ela deveria ou **poderia ser maior pra que o interno se empolgasse mais, porque quando você fala de remição todo mundo quer remir**<sup>159</sup> [grifos nossos].

**Eu acho ótimo, porque além de a gente tá aprendendo alguma coisa, tá favorecendo a gente,** tá ajudando a gente de certa forma a diminuir aquilo que a gente tem que pagar<sup>160</sup> [grifos nossos].

Os entrevistados Armando e Ângelo declararam ainda que o tempo que poderá ser remido em razão da leitura é ínfimo. Ambos tinham ciência do teor do inciso V da Recomendação nº 44 do CNJ, vez que suas alíneas regulamentam acerca de procedimentos e da quantidade de pena a ser descontada devido à leitura.

<sup>155</sup> Os demais requisitos foram inseridos no projeto escrito.

<sup>156</sup> Trecho da entrevista de Orlando Gomes Luz.

<sup>157</sup> Trecho da entrevista de Armando Silva Dias

<sup>158</sup> Trecho da entrevista de M.R.O.T..

<sup>159</sup> Trecho da entrevista de Ângelo Brandão Sena.

<sup>160</sup> Trecho da entrevista de Mário Barreto dos Santos.

Em síntese, as alíneas do inciso V dispõem que a autoridade penitenciária estadual ou federal deve constituir um projeto específico<sup>161</sup> visando a remição pela leitura, esta será aferida e declarada pelo juízo da execução penal competente, ouvidos o Ministério Público e a defesa. Aos apenados participantes do projeto de leitura (inclusive estrangeiros) será disponibilizado um exemplar de obra literária, clássica, científica, filosófica, de acordo com o acervo<sup>162</sup> disponível na unidade. A alínea e da Recomendação nº 44 aborda especificamente a quantidade de tempo máxima que poderá ser abatida.

e) procurar estabelecer, como critério objetivo, que o preso terá o prazo de 21 (vinte e um) a 30 (trinta) dias para a leitura da obra, apresentando ao final do período resenha a respeito do assunto, possibilitando, segundo critério legal de avaliação, a remição de 4 (quatro) dias de sua pena e ao final de até 12 (doze) obras efetivamente lidas e avaliadas, **a possibilidade de remir 48 (quarenta e oito) dias, no prazo de 12 (doze) meses, de acordo com a capacidade gerencial da unidade prisional**<sup>163</sup> [grifos nossos].

Percebe-se que a leitura a cada doze meses somente poderá acarretar remição de até 48 dias. Logo, a inconformidade dos internos Armando e Ângelo no que tange à diminuta remição pela leitura é bastante plausível. As vozes dos sujeitos encarcerados precisam ser ecoadas, pois mais do que ninguém eles sabem quais são as melhores estratégias para atrair outros internos em torno da educação. Hoje a Penitenciária Lemos Brito aguarda o aval da remição de pena pela leitura, mas já se antecipa que seus proveitos podiam ser ainda maiores.

---

<sup>161</sup> Segundo alínea f, deverá ser criada uma comissão organizadora do projeto para analisar aspectos relacionados à compreensão e compatibilidade do texto com o livro trabalhado.

<sup>162</sup> Consoante alínea d da Recomendação nº 44 do CNJ: “para que haja a efetivação dos projetos, garantir que nos acervos das bibliotecas existam, no mínimo, 20 (vinte) exemplares de cada obra a ser trabalhada no desenvolvimento de atividades”.

**Ibidem, op. cit.**

<sup>163</sup> **Ibidem.**

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia utilizada permitiu esclarecer alguns pontos em torno da educação e das remições de pena atualmente empregadas no Complexo Lemos Brito. A investigação do Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias a partir da observação direta demonstrou a importância de uma atividade educacional complementar comprometida com uma aproximação crítica da realidade. Antes mesmo de se pensar na leitura, o Projeto da Universidade do Estado da Bahia estimulou que os indivíduos em situação de cárcere refletissem sobre os processos sociais os quais se inserem. Concomitantemente, tratando-se de uma via de mão dupla, ouvir e aprender com vivências cotidianas dos internos participantes também propiciou a ruptura de preconceitos e a certeza de que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra.

Ninguém melhor do que o próprio apenado para relatar o estado da educação no sistema prisional. As cinco entrevistas semidiretivas realizadas com os internos participantes das rodas de leitura do módulo IV da PLB também serviram como direcionamento para a presente investigação. Dar voz aos sujeitos encarcerados possibilitou constatar relevantes desejos e carências em torno da educação na unidade prisional. A leitura, por exemplo, segundo alguns internos, tem o poder de deslocar o indivíduo para fora dos muros da prisão. Por isso, na visão deles próprios, iniciativas como o Projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias devem ser ampliadas para outras unidades prisionais a fim de que a educação seja disseminada.

A amostragem utilizada dos sujeitos da pesquisa buscou ser a mais heterogênea possível, mas também não deixou de evidenciar o principal perfil hegemônico nas prisões nacionais: homens, negros, pobres e com baixa escolaridade. Assim, a pesquisa procurou relacionar a partir das teorias de Paulo Freire, dos estudos da interseccionalidade, da criminologia crítica e do enfoque da reação social como um projeto tal qual o averiguado pode viabilizar a construção de pensamentos críticos com o propósito de combater as desigualdades que permeiam as relações de gênero, classe e raça. Mesmo se valendo de formas menos ortodoxas de acesso ao conhecimento, tais como cordéis, poesias e outros textos lúdicos, as rodas de leituras não apresentaram dificuldades na formação de debates enriquecedores.

Aguardando aprovação do Conselho Nacional de Justiça, a remição de pena pela leitura aos internos da Penitenciária Lemos Brito representa um estímulo para a participação de outros custodiados em torno do Projeto da UNEB. Em verdade, muito mais do que uma diminuição da pena imposta, seu principal papel reside no fomento para que aqueles que estejam privados da sua liberdade possam cada vez mais se aproximar da leitura e de novas fontes de conhecimento.

## FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Alan Tiago. Sem emprego, quase 90% dos presos em regime semiaberto na BA não podem deixar unidades prisionais. **G1**, Salvador, 31 de out. de 2017. Disponível em: <<https://glo.bo/2Cnr4AB>>. Acesso em: 16 de jan. de 2018.

ANDRADE, Paloma. Jorge Portugal ministra aula para detentos que vão participar do Enem 2015. **Metro1**, Salvador, 07 nov. 2015. Disponível em: <<http://metro1.com.br/noticias/cidade/7910,jorge-portugal-ministra-aulao-para-detentos-que-va-participar-do-enem-2015.html>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

AVENA, Noberto Cláudio Pâncaro. **Execução Penal**. 4.ed. São Paulo: Método, 2017, p. 34-41.

BARATTA, Alessandro. **Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal: Introdução à Sociologia do Direito Penal**. 3.ed. Rio de Janeiro: Revan, 2002, p. 85-116.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: <<http://bit.ly/1dFiRrW>>. Acesso em: 12 de fev. 2018.

BRASIL. Recomendação nº 44, de 26 de novembro de 2013. Dispõe sobre atividades educacionais complementares para fins de remição da pena pelo estudo e estabelece critérios para a admissão pela leitura. **Conselho Nacional de Justiça**. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/busca-atos-adm?documento=1235>>. Acesso em 19 de fev. 2018.

BRASIL. **Superior Tribunal de Justiça**. Súmula 341, 13 de agosto de 2007. A frequência a curso de ensino formal é causa de remição de parte do tempo de execução de pena sob regime fechado ou semi-aberto. Disponível em: <<http://bit.ly/2BGNboV>>. Acesso em: 13 de fev. 2018.

CANOTILHO, J. J. Gomes. **Sentido e forma dos direitos fundamentais**. In: Direito Constitucional e Teoria da Constituição. 7.ed. Coimbra: Edições Almedina, 2013, título 3, cap.1, p. 377-390.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within a significação sociológica do pensamento negro**. Revista Sociedade e Estado. 2016, vol. 31, n. 1, p. 99-127.

COUTINHO, Luiz Augusto Reis de Azevedo. **Atrás das Grades: O desafio da educação de presos no século XXI**. Salvador: A Casa Cultural Coronel Pitá, 2016, 104-124.

CUNHA JÚNIOR, Dirley. **Curso de Direito Constitucional**. 7. ed. Salvador: JusPodivm, 2013, p. 541-551.

DALTRO, Euzeni. Penitenciária tem dois PMs e cinco agentes por plantão. **A Tarde**, Salvador, 03 de set. 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/2Bv1r3P>>. Acesso em: 15 de jan. de 2018.

DESLAURIERS, Jean-Pierre. **A indução analítica**. In: POUPART, Jean, et. al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 337-351.

DESLAURIERS, Jean-Pierre. KÉRISITS, Michele. **O delineamento de pesquisa qualitativa**. In: A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 127-150.

DIGNEFFE, Françoise. **Do individual ao social: a abordagem biográfica**. In: ALBARELLO, Luc. et al. Práticas e métodos de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva, 1997, p. 203-245.

FARIELLO, Luiza de Carvalho. Remição pela leitura já é realidade em diversos presídios brasileiros. **Agência CNJ de Notícias**. Junho, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2FcsyTv>>. Acesso em: 19 de fev. 2018.

FRAGALE, Roberto. **Quando a empiria é necessária?** In: XIV CONGRESSO NACIONAL DO CONPEPI, 2005, Fortaleza. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006, p. 01-11. Disponível em: <<http://fragale.blogspot.com>>. Acesso em: 11 de jan. de 2018.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. Tempo soc. [online]. 2014, vol. 26, n.1, p. 61-73. Disponível em: <<http://bit.ly/2F6fxre>>. Acesso em: 21 fev 2018.

HOULE, Gilles. **A sociologia como ciência: a abordagem biográfica**. In: POUPART, Jean, **et. al.** A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 317-333.

JACCOUD, Myléne e MAYER Robert. **A Observação direta e a pesquisa qualitativa**. In: POUPART, Jean, **et. al.** A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 254-287.

Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias: Atualização - Junho de 2016. Disponível em: <[http://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil/relatorio\\_2016\\_junho.pdf](http://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil/relatorio_2016_junho.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2018.

LOURENÇO, Luiz Claudio; ALMEIDA, Odilza Lines de. **Quem mantém a ordem, quem cria desordem: gangues prisionais na Bahia**. Disponível em: <<http://bit.ly/2t6DD3N>>. Acesso em 17 de jan. de 2018.

MARCÃO, Renato. **Curso de Execução Penal**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2015, p; 215-228.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003, p. 83-86. Disponível em: <<http://bit.ly/294DeE7>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

Minuta De Portaria Remição Pela Leitura. **Tribunal de Justiça**. Disponível em: <<http://bit.ly/2ovLy55>>. Acesso em: 16 de fev. 2018.

Museu e escola: educação formal e não-formal. **Ministério da Educação**. Maio, 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/2ChDC0M>>. Acesso em: 15 de fev. 2018.

Nota técnica: remição pela leitura. **Ministério Público do Estado de São Paulo**, Centro de Apoio Operacional Criminal. Disponível em: <<http://bit.ly/2GIQknj>>. Acesso 16 de fev. 2018.

PAULO, Freire. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

PAULO, Freire. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

PAULO, Freire. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PIRES, Álvaro P. **Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico**. In: POUPART, Jean **et. al.** A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 154-211.

Preso escapa da Lemos Brito 11 dias após fuga em massa da Mata Escura. **Correio**, Salvador, 12 de abril de 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/2o49XiE>>. Acesso em: 16 de jan. de 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani.Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013, p. 11-24. Disponível em: <<http://bit.ly/2jYUJvl>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais**. Tradução João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho. 5. ed. Lisboa: Gradiva, 2008, p. 29-46.

RANIERI, Nina Beatriz Stocco. **Justiça pela Qualidade na Educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.

RÁTIS, Carlos. **Habeas Educationem**. 1. ed. Salvador: JusPodivm, 2013.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Disponível em: <<http://bit.ly/2phgk5u>>. Acesso em: 02 de dez. 2017.

RELLO, Luc. **et al**. Práticas e métodos de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva, 1997, p. 84-166.

RUBIM, Christina de Rezende. **A constituição e o ser da antropologia**: problemática e método. In: Revista Semestral do Departamento de Sociologia do Departamento de Pós Graduação em Sociologia FCL – UNESP. Araraquara, ano 4, vol. 7 – 2º semestre de 1999, p. 01-28.

RUQUOY, Danielle. **Situação de entrevista e estratégia do entrevistador**. In: ALBARELLO, Luc. et al. Práticas e métodos de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva, 1997, p. 84-116.

SAINT-Georges, P. Pesquisa e

Vencedores 2014 – Prêmio Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Governo do Brasil**, Nov. 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2zuZVv4>>. Acesso em: 17 out. 2017.

**APÊNDICE A- Guia de entrevista**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – FACULDADE DE DIREITO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM DIREITO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROFESSORA ORIENTADORA: TATIANA EMILIA DIAS GOMES

**GUIA DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

TEMA DE PESQUISA: O OLHAR DO SUJEITO ENCARCERADO SOBRE A  
EDUCAÇÃO NO SISTEMA PRISIONAL – ANÁLISE DO PROJETO LEITURA E  
ESCRITA – AÇÕES LIBERTÁRIAS E REFLEXÕES SOBRE A REMIÇÃO DA PENA  
AOS INTERNOS DO MÓDULO IV DA PENITENCIÁRIA LEMOS BRITO.

Nome do entrevistador: Renan Anjos Chagas

Data: \_\_\_\_\_

Nome do entrevistado(a): \_\_\_\_\_

I.Técnica de coleta de dados: entrevista semidiretiva<sup>164</sup> de cunho exploratório.

II.Assunto da entrevista: vivência dentro do cárcere enquanto estudante e/ou leitor.

III.Entrevistados: estudantes do Colégio George Frago Modesto e/ou participantes do projeto “Leitura e Escrita – Ações Libertárias”, ambos situados no Complexo Penitenciário Lemos Brito.

IV.Objetivos:

---

<sup>164</sup> O papel do entrevistador, numa óptica semidirectiva, pode ser delimitado nestes termos: segue a linha de pensamento de seu interlocutor, ao mesmo tempo em que zela pela pertinência de afirmações relativamente ao objectivo da pesquisa, pela instauração de um clima de confiança e pelo controle do impacte das condições sociais de interacção sobre a entrevista. (RUQUOY, 1997, p. 95)

- a) Conhecer a história de vida dos(as) internos(as) que são estudantes e leitores(as) dentro do cárcere;
- b) Explorar a realidade dos serviços educacionais ofertados pelo Estado a esses(as) estudantes;
- c) Descobrir quais são as carências enfrentadas pelos(as) alunos(as) encarcerados(as);
- d) Verificar como interpretam as ações das agências de controle social formal.
- e) Compreender como os(as) estudantes e/ou leitores(as) enxergam a possibilidade de obtenção da remição de pena pela leitura.

#### V. Justificativa da seleção das pessoas entrevistadas:

- a) Contribuição da técnica para a pesquisa em curso: nada mais eficaz para o desenvolvimento da pesquisa sobre estudantes encarcerados(as) do que ouvir dos próprios(as) sujeitos(as) como avaliam o sistema educacional onde estão inseridos(as).

#### VI. Procedimento de seleção de amostragem: estudantes do Colégio George Frágoso Modesto e participantes do projeto “Leitura e Escrita – Ações Libertárias”, ambos situados no Complexo Penitenciário Lemos Brito.

#### VII. Modo de intervenção:

##### 1. Condições metodológicas:

- a) relação direta verbal;
- b) entrevista provocada pelos investigadores;
- c) entrevista para fins de investigação acadêmica;
- d) entrevista baseada em um guia de entrevista que se guiará pelo curso do pensamento dos(as) entrevistado(as), que se exprime livremente;
- e) busca-se, preferencialmente, a presença somente do pesquisador e do(a) entrevistado(a), para que esta se exprima livremente.



## 2. Condições técnicas

- a) Preferencialmente, usar um gravador de voz e depois realizar a transcrição da entrevista.
- b) Se não houver gravador, ou for proibido o uso deste pela direção do presídio, ou, ainda, se ocorrer recusa por parte do(a) entrevistado(a) em ser gravado(a), haverá o esforço para registrar ao máximo todas as palavras ditas pelo(a) entrevistado(a), sem distorcer o sentido, em caderno de notas.

## VIII. Guia de entrevista fracamente elaborado

1. Eixo temático preliminar: objetivos da investigação, o papel do entrevistador, que não emite opiniões, mas escuta e questiona.
2. Início da entrevista
  - a) Questão indutora: Poderia me falar um pouco sobre a sua história de vida? Quantos anos você tem? Qual sua escolaridade? Já estudava antes do cárcere? Quando começou seu interesse pela leitura e em qual momento adquiriu o hábito?
3. Corpo da entrevista
  - a) Questão indutora: Como o(a) Sr.(Sra.) se aproximou do Colégio George Frago Modesto e/ou do projeto “Leitura e Escrita – Ações Libertárias”?
  - b) Questão indutora: Como o(a) Sr.(Sra.) se recorda do seu primeiro dia de aula enquanto estudante do Colégio George Frago Modesto e/ou seu primeiro dia como participante do projeto “Leitura e Escrita – Ações Libertárias”?
  - c) Questão indutora: Já dentro do cárcere, qual era sua relação com a leitura antes de iniciar os estudos no Colégio George Frago Modesto e/ou se tornar um(a) participante do projeto “Leitura e Escrita – Ações Libertárias”?
  - d) Questão indutora: Como é ser um(a) estudante e/ou leitor(a) dentro da penitenciária? Quais são as dificuldades, as facilidades...
  - e) Questão indutora: O Sr.(Sra.) pode falar sobre o projeto “Leitura e Escrita – Ações Libertárias”?

- f) Questão indutora: Durante o ano letivo no qual o projeto está em atividade existe algo que o(a) senhor(a) acredita que poderia ser melhor?
- g) Questão indutora: E quanto ao Colégio George Frago Modesto, qual sua opinião acerca do tipo de aula proposto? Como é sua relação com os(as) professores(as)? O(A) Sr.(Sra.) gosta das atividades propostas? Costuma ir bem nas avaliações?
- h) Questão indutora: O(A) Sr.(Sra.) poderia falar sobre a possibilidade de obter a remissão de pena pela leitura a partir do projeto Leitura e Escrita – Ações Libertárias”?
- i) Questão indutora: Gostaria de dizer mais alguma coisa?

4. Fim da entrevista

Agradecer a participação.

## **APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE DIREITO

COMPONENTE CURRICULAR: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

PROFESSORA ORIENTADORA: TATIANA EMILIA DIAS GOMES

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Nome do Pesquisador: Renan Anjos Chagas

1. **Natureza da pesquisa:** o(a) Sr.(Sra.) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa que tem como objetivo elucidar o tratamento do Estado perante os(as) estudantes e/ou leitores(as) encarcerados. Essa pesquisa será utilizada na elaboração de um trabalho de conclusão de curso de Graduação em Direito da Universidade Federal da Bahia.
2. **Participantes da pesquisa:** internos(as) da Penitenciária Lemos Brito.
3. **Envolvimento na pesquisa:** ao participar desse estudo, o(a) Sr.(Sra.) permitirá que o pesquisador utilize as informações fornecidas em artigos científicos, pôsteres e outros meios de escrita e divulgação acadêmica. O (A) Sr.(Sra.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando de qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo, assim como poderá se recusar a responder qualquer uma das questões. Sempre que quiser, poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através dos contatos do pesquisador.
4. **Sobre as entrevistas:** As entrevistas serão realizadas em particular; elas serão gravadas, mas só quem terá acesso a estas gravações serão o pesquisador e a professora orientadora.
5. **Riscos e desconforto:** a participação nessa pesquisa não traz complicações legais. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. O único risco é de que apesar de a

identidade do entrevistado ser preservada, se for mencionado o cargo do(a) Sr. (Sra.), algumas pessoas possam identificá-lo(a).

6. **Confidencialidade:** todas as informações pessoais coletadas nesse estudo são estritamente confidenciais. A identidade do(a) pesquisado(a) será preservada. Somente o pesquisador e a professora orientadora terão conhecimento desses dados.

7. **Benefícios:** ao participar dessa pesquisa, o(a) Sr.(Sra.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que esse estudo forneça informações importantes sobre a sua experiência enquanto estudante do Colégio George Fragoso Modesto e/ou participante do projeto “Leitura e Escrita – Ações Libertárias” existente no Complexo Penitenciário, de forma que o conhecimento construído a partir dessa pesquisa possa trazer um maior conhecimento a respeito das condições oferecidas aos(às) estudantes encarcerados(as) a fim de incentivar que outros trabalhos científicos existam em torno da temática. O pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

8. **Pagamento:** o(a) Sr.(Sra.) não terá nenhum tipo de despesa para participar dessa pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar dessa pesquisa. Portanto, por favor, assine no campo abaixo.

---

Entrevistado(a)